

An aerial photograph of a city during sunset. The sun is low on the horizon, creating a warm, golden glow over the urban landscape. The city is densely packed with buildings of various heights and colors. In the foreground, a prominent building features a large mural of a parrot and a sign for 'Sicredi'. The text 'Minha História em DOURADOS' is overlaid in large, white, sans-serif font across the center of the image.

Minha História em DOURADOS



VIDA PRODUÇÕES

Editora Vida Produções

Contato: maracalvis@gmail.com // 67- 9 9227-5169

Site: www.maracalvis.com.br

FICHA TÉCNICA

Idealizadores

José Henrique Marques e Maria Antônia
Ribeiro Gonçalves

Departamento Comercial

Elizabeth Salomão e Angela Santa Cruz

Textos

Edson Moraes, Renata Boeira, Marcos Santos,
Mariana Rocha e Ricardo Minella

Coordenação

Ivandra Estela Zorzan

Diretora de Criação

Cláudia Mônaco

Fotografia/capa

Alexandre Pimenta

Produção

Fernanda Garcia e Eduarda Souza

Prefácio

Rozemar Mattos Souza

Apresentação

Paula Francisca Silva Targas

Revisão

Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira

Diagramação:

Douglas Calvis Crellis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M62 Minha história em Dourados / idealizador José
1.ed. Henrique Marques ; Ivandra Estela Zorzan
(coordenadora) ; prefácio Rozemar Mattos
Souza. - 1.ed. - Campo Grande, MS :
Vida Produções, 2024.
200 p. ; 19,5 26 cm.

Vários autores.

ISBN 978-65-84706-55-2

1. Dourados (MS) - História. 2. Histórias
de vidas. 3. Memórias. 4. Relatos pessoais.
I. Marques, José Henrique. II. Zorzan,
Ivandra Estela. III. Souza, Rozemar Mattos.

02-2024/12

CDD 920

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias de vidas : Biografia 920

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui em violação de direitos autorais. (Lei n 9.610/1998)

AGRADECIMENTOS

Há tempos, tínhamos o sonho de reunir pessoas ilustres da sociedade douradense, principalmente aquelas que aqui nasceram ou que para cá vieram há décadas e construíram a cidade na qual hoje vivemos. A ideia era colher relatos saborosos desses personagens, tal qual se ouve em rodas de chimarrão, tereré ou mesmo em bate-papos entre amigos.

O tempo passou e alguns dos prováveis personagens, os quais podemos chamar de “testemunhas oculares” dos fatos, se foram e muitas memórias se apagaram para sempre. Até que a ideia foi sendo maturada e acabamos encontrando parceiros (as) que logo nos animaram a tornar o projeto realidade.

Portanto, nada mais necessário do que tecer nossos agradecimentos a esses colegas (jornalistas, publicitários e profissionais de outras áreas) que se dispuseram a sair a campo na coleta e produção deste conteúdo.

Além da equipe que ajudou na gravação, na transcrição e na correção dos textos, cujos nomes estão relacionados na ficha técnica desta obra, não poderíamos deixar de agradecer imensamente àqueles (as) que são a razão deste livro: nossos (as) entrevistados (as).

Maria Antônia Ribeiro
(Publicitária e idealizadora)

José Henrique Marques
(Jornalista e idealizador)

SUMÁRIO

Apresentação	7
Prefácio.....	8
Odécio Cuenca (<i>In memorian</i>)	11
Jorge Antônio Salomão (<i>in memorian</i>)	17
Adiles do Amaral Torres	26
Antonio Fuziy	32
Claudio Takeshi Iguma	39
Fernando José Baraúna Recalde	45
Geraldo Resende	52
Idenor Machado	58
Jandira Gorete Santos	66
Joaquim Soares	74
Laudir Munaretto	81
Lurdinha de Mattos	87
Nelio Shigueru Kurimori	94
Roberto Razuk	102
Valdemir de Souza Messias (Pineca).....	108
Valdir da Silva Machado	115
Waldir Guerra	121
Walter Carneiro	128

APRESENTAÇÃO

Paula Francisca Silva Targas¹



Nesta obra ímpar, idealizada pelo jornalista José Henrique Marques e pela publicitária Maria Antonia Ribeiro Gonçalves, vamos conhecer o relato de dezoito pessoas que nos presenteiam com suas histórias em Dourados. São testemunhas oculares de uma época em que Dourados era o ideal de muitas famílias e de personagens solitários que para cá vinham tentar a sorte. Todos são cidadãos douradenses que batalharam as agruras de uma época em que tudo era difícil: transporte, energia, acesso à saúde, à educação, moradia. Mas vemos em cada relato o sentimento de gratidão pela acolhida, o saudosismo de alegrias vividas e o sentimento de vitória das batalhas enfrentadas.

Portanto, não se trata de um livro de ficção e, sim, de um livro edificado com base nas memórias resgatadas de um passado recente. Esses personagens narram, cada um, como um agente da própria história e da de Dourados, suas vivências de infância ou juventude em uma localidade que já aspirava, há décadas, o privilégio de ser uma das maiores entre as 5.568 cidades brasileiras.

Esses atores da atual cena douradense reuniram, ao longo do tempo, como matéria de experiência humana, relatos e interações com outros personagens reais, cumprindo o objetivo de resgatar e enriquecer o conhecimento sobre o nosso passado, a fim de melhor compreendermos o presente e projetarmos um futuro de mais acertos.

Podemos, então, assegurar que cada fato nesta obra mencionado é parte integrante da história de Dourados que, agora, em deliciosas narrativas de nossos entrevistados, se torna mais acessível às presentes e às futuras gerações.

¹ Nascida em Dourados, filha de Porcina Luiz da Silva e Camillo Hermelindo da Silva, é viúva e tem dois filhos. É advogada e dá assistência ao Núcleo de Prática Jurídica da Unigran há vinte e dois anos. O pai era médico, chegou a Dourados no início da década de 1930; foi médico da Colônia Agrícola Nacional, também trabalhou na Companhia Mate Laranjeira como médico na Fazenda Campanário. Foi deputado estadual por dois mandatos na década de 50.

PREFÁCIO



Ao ser convidado para escrever o prefácio de “Minha História em Dourados”, aceitei sem titubear. Pela honra do convite, pela magnitude do projeto, pela credibilidade dos organizadores. O projeto, em sua primeira edição, retrata entrevistas com dezoito moradores do município, cada um com sua história, com diferentes trajetórias, tendo algo em comum – o amor à nossa Dourados.

Já de início fiquei entusiasmado com o lançamento de um material que fala um pouco da história de Dourados, seja dos primórdios, seja dos tempos recentes, pois ainda temos poucas obras contando a trajetória dos moradores desta cidade. E, na qualidade de historiador, a possibilidade do lançamento desta obra já alegrou meu coração, alegria esta que aumentou a cada página que meus olhos percorriam, sendo transportado, algumas vezes, para fatos de minha tenra infância e, outras, para minha juventude.

A sensibilidade dos organizadores é reconhecida quando olhamos os nomes dos entrevistados, alguns nascidos nesta cidade;

outros, que tiveram a maior parte de sua existência residindo em Dourados. Os autores/organizadores conseguiram juntar na mesma obra médicos, professores, comerciantes, advogados, entre outros, que conseguem mensurar a importância da cidade para a trajetória de cada um, que, por diversos motivos, escolheram esta cidade como sua; alguns, pelas circunstâncias, foram absorvidos pela cidade e aqui fixaram raízes profundas.

Há, como disse, os pioneiros e os descendentes aqui nascidos, assim como pessoas que vieram no início de sua fase adulta e também foram pioneiros em algumas profissões, como advogados, empresários. A maioria dos não nascidos em Dourados a conheceram quando quase todas as ruas não tinham pavimento; uns, antes da luz elétrica definitiva, dando, assim, testemunho do crescimento do município.

O livro “Minha História em Dourados” leva o leitor a retroceder no tempo. Conhecer parte da história da cidade de Dourados oportuniza muito aos leitores, os de idade avançada poderão lembrar fatos de que participaram e personagens que conheceram. Os mais jovens, os estudantes podem conhecer uma faceta da história desta cidade, a vida familiar e política de alguns dos entrevistados.

Obra que, por ser elaborada a partir dos depoimentos de diversos moradores, oferece a cada capítulo uma versão diferenciada de Dourados, retratando o que o personagem vivenciou nesta cidade, e, assim, conseguimos, por meio do relato de alguns, conhecer a história de moradores que chegaram em 1910, antes da criação do Distrito de Paz de Dourados, e a de outros que chegaram em 1932, ou seja, antes da criação do município. Mas os depoimentos vão além e nos levam a entender o crescimento de Dourados pós-criação da CAND; a importância da vinda da segunda leva de gaúchos implantando uma agricultura de ponta; os bastidores e os efeitos, para o município, da divisão do estado de Mato Grosso. Enfim, “Minha História em Dourados” consegue mostrar Dourados como Patrimônio, como Distrito e como recém-criado município; ainda consegue mostrar como foi o desenvolvimento de Dourados, tornando-se a maior cidade do interior do Mato Grosso do Sul, su-

plantando a cidade mãe, Ponta Porã.

Livro que nos revela, nos relatos de seus personagens, a natureza tão peculiar de nosso povo.

É exatamente isso que os organizadores nos propiciam com esta obra, uma leitura emocionante, interessante e rica em pessoas e fatos que ajudaram a construir esta Dourados.

Rozemar Mattos Souza
Historiador



Odécio Cuenca *(in memoriam)*

Por Renata Boeira

Contar uma história é abrir um baú de lembranças, repleto de nostalgia, aprendizados e superações. É visitar o passado, reencontrar pessoas, lugares, sentimentos e lições. É entrar na casa da memória pelas portas da frente. E, hoje, vamos passear pela vida de um comerciante que fez história em nossa cidade.

Odecio Cuenca Sotero, natural da pequena Piquerobi (SP), nasceu em 1947. Filho de João Cuenca Postigo e Maria Sotero de Lima. Foi esposo, pai, avô, irmão, amigo, empreendedor e comerciante nato. “Seu Cuenca” ficou conhecido em toda Dourados e região, e é comum ouvir, até hoje, nos corredores do Supermercado Cuenca, seus clientes e amigos comentando o quanto ele foi autêntico e trabalhador.

Seu Odecio tinha gênio forte e coração profundamente honesto. Era um homem que amava casa cheia, mesa farta, amigos por perto e sua família unida, especialmente, unida. Sempre com sua camisa branca, de manga curta (feita pela própria esposa), e visão pioneira sobre o comércio.

Conheceu sua esposa e companheira de uma vida inteira – dona Luiza José de Melo Cuenca – em Piquerobi, começando ali uma família, de maneira simples e corajosa. Tornou-se pai de quatro

filhos: Lucimara, Tânia, Carlos e Odécio. Foi exigente, presente e comprometido, preocupado com o futuro de cada um deles. Exigia que as meninas estudassem e não ficassem em casa, queria independência para cada uma delas, desejava que fossem empresárias, donas de si e senhoras da própria história. Com os meninos não foi diferente, tanto Carlos quanto Odécio seguiram os caminhos do pai: são empresários e donos de dois supermercados em Nova Alvorada do Sul (que estão entre os maiores do município); além disso, são parceiros das irmãs na administração do Cuenca Supermercado em Dourados.

Dona Luiza, 77 anos, nos conta – com absurda lucidez e clareza – que ela e o marido vieram para Mato Grosso do Sul com a cara, a coragem e duas meninas. “Nossa caçula ainda engatinhava. Não foi fácil, mas foi preciso arriscar”, comenta. A matriarca ainda relata que a ajuda do seu Miguel Cuenca foi fundamental na época: “O convite e o apoio do tio Miguel foi um divisor na nossa história”, explana. A esposa também conta que “seu Cuenca” tinha um talento natural para lidar com pessoas e negócios: “Ele sempre teve discernimento para o comércio”, elucida. “Foi no Travessão Maria Curandeira, por volta de 1971, que tivemos nosso primeiro negócio, mas tivemos que mudar para Douradina, porque a rede de energia passou em cima do nosso mercadinho”, compartilha.

Em Douradina passaram por lutas e adversidades: “Uma seca muito grande acabou com as lavouras dos nossos clientes, o que por consequência levou à falência do nosso empreendimento. Naquele momento nós fomos obrigados a buscar novos horizontes”, recorda dona Luiza. Foi então que um farmacêutico amigo ofereceu um ponto em Dourados para locação, o então “Canta Gallo”. Dona Luiza aponta que seu esposo buscou crédito com um vendedor do Paraná, Silvio Lopes (que depois se tornaria compadre do casal), o qual interveio e colaborou com a empresa do marido, fornecendo mercadorias para então dar início ao projeto. Desse modo, nascia, no dia 05/10/1978, o Cuenca Supermercado, no Jardim Flórida, ar-

redores da Vila Popular.

“Chegamos em Dourados em 78, as meninas – ainda pequenas – ficaram em Douradina, aos cuidados dos nossos compadres José Felix de Souza e dona Irene Félix. Elas nos visitavam nos finais de semana, foi um desafio pra gente”, conta dona Luiza.

Ela ainda se lembra de que foi justamente a forma decidida e correta do seu Odecio no enfrentamento à vida e seus percalços que a encantou: “Ele tinha muitas qualidades, e, claro, como qualquer pessoa, seus defeitos – mas era muito honesto e trabalhador. Era correto nos negócios, com os combinados, não gostava de nada errado. E eu admirava muito isso”, enfatiza.

A família toda foi crescendo e amadurecendo nos corredores do supermercado, que se desenvolvia e acompanhava a cidade de Dourados. “Seu Cuenca” sempre acompanhado da sua caderneta. As filhas revelam que o sofá da casa era tomado de notinhas: “Nosso pai sempre vendeu para quem precisava, confiava nas pessoas. Atendíamos fazendeiros, lavoureiros, moradores dos bairros da região, Corpo de Bombeiro, Sindicato dos Bancários, Correios, Sindicato dos Professores... muita gente mesmo!”, afirmam. Elas ainda citam que um dos maiores orgulhos foi descobrir que o pai ajudava inúmeras pessoas: “Após o falecimento do nosso pai, descobrimos que, por trás de um homem sistemático, rigoroso, existia alguém com o coração muito bom”, partilha um dos filhos. “Ouvimos muito, após sua partida, que ele fornecia mercadorias para aqueles que não podiam pagar, principalmente, para as famílias que estavam passando por necessidade. Ele ajudava as pessoas e nunca fez isso para aparecer, e é, justamente, isso que tanto nos orgulha hoje”, declara.

Os filhos também compartilham conosco o momento triste de sua partida: “Nosso pai teve COVID 19. Internamos ele em janeiro de 2021, foram onze dias de UTI. Quando fomos buscá-lo no mercado para levá-lo ao hospital, ele desceu e subiu as escadas do nosso escritório do mercado quatro vezes. Ia e voltava pra olhar cada

canto do lugar. Hoje nós entendemos que era uma despedida”, relembram.

Apesar da dolorosa partida, seu Odecio nunca foi sinônimo de tristeza, pelo contrário, era divertido, disposto e batalhador. Acor-dava às 5h da manhã, tomava café com a esposa e passava o dia em função do seu estabelecimento, retornando pontualmente às 19h40 para o seu lar. Era sistemático com sua rotina, suas escolhas e projetos. Sabia fazer dos sonhos a sua realidade. Um deles – talvez o maior – foi celebrar seus 50 anos de matrimônio, com sua tão estimada companheira.

“Nossas bodas de ouro, fecharam sua passagem em nossas vidas do jeito que ele mais gostava. Foi ali que ele reuniu seus amigos de adolescência, de escola. Foi ali que se viu realizado profissionalmente, porque pôde oferecer a mesa farta, a risada solta, o seu terno com abotoaduras douradas, a música raiz, que mais amava, para todos ao seu redor”, descreve dona Luiza. “Quando casamos, as condições financeiras eram difíceis, foi nas bodas que ele realizou o sonho de ter um casamento com requinte, com os frutos de quem trabalhou arduamente todos os dias de sua vida”, confia dona Luiza.

Seu Odecio Cuenca – personagem e cidadão atuante na sua comunidade, na sua cidade – deixou esposa, quatro filhos, dois genros (Dilcar e Francisco) uma nora (Danielly) e seis netos, profundamente amados: Luan, Sophia, Miguel, Daniel, Maria Valentina e seu xodó, a preciosa Luiza.

Seus quatro filhos assumiram o supermercado e as propriedades da família, fazendo questão de manter todos os funcionários. “Reinventamos e aprimoramos seu legado, sempre lembrando e agradecendo pelo pai que tivemos. Alguém que, incansavelmente, nos ensinou, por meio do exemplo, o poder do trabalho e da dedicação”, finalizam.

Seu Odecio Cuenca continua vivo na memória e no coração de todos os clientes e amigos que passaram pelo seu supermercado. É

símbolo do trabalho, da honestidade, mas, principalmente, reflexo de um homem esforçado, brasileiro, pai de família, que fez do comércio uma extensão do próprio abraço, do seu próprio coração.



Seu primeiro estabelecimento comercial no Travessão da Maria Curandeira Douradina-MS



Casamento de Odécio e Luiza em Piquerobi-SP 27-07-1968



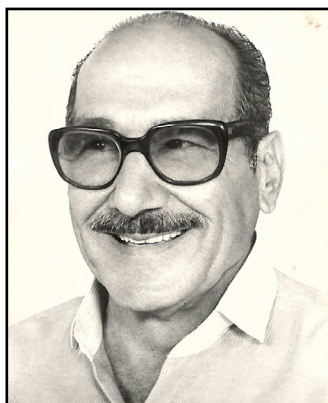
Família de Odécio e Luiza Cuenca. Seus 4 filhos: Lucimara, Tânia, Carlos e Odécio. Seus genros, noras e seus 6 netos



Bodas de ouro - 50 anos de matrimônio



Cuenca Supermercado, Rua Vereador Vitório José Pederiva n ° 343, Jardim Flórida, Dourados-MS



Jorge Antônio Salomão

(in memoriam)

Por Elizabeth Salomão

“O radialista que amou Dourados e sua gente”

Jorge Antônio Salomão! Que privilégio o Jorginho, o Zezo e eu tivemos por chamá-lo de pai. Dividimos esse afeto com colegas de trabalho e amigos que o tratavam de pai, paizão, tio Jorge, Véio Jorge e por outros apelidos carinhosos, hoje chamam-no de Jorjão. Meu pai deixou um lindo legado de coragem e fé para nossa família em Dourados e por onde passou.

Ele tinha gosto por mesa farta, especialmente comida árabe, muito bem preparada pela minha mãe, e gostava de receber os amigos em volta de sua mesa. À noite, depois do café com os amigos no Bar Luchese, retornava para casa, alimentava-se de frutas e castanhas, assistindo a filmes na TV. No dia seguinte, com seu jeito de contador de histórias, nos encantava com a sua narrativa.

Recordo-me bem da sua paixão pelo tango; quando dançava com a minha mãe, o salão parava para vê-los. Recordo-me com saudades, quando seus netos chegaram, ele amava ser chamado de VOVÔ. Inicialmente pela Tatiane, depois pela Alessandra, pela Najla, Youssef, Thiago, Yuri, Thais, Caroline e por seu bisneto, Beto. Seus Olhos brilhavam ao vê-los e ao falar deles.

O seu passatempo preferido era uma boa pescaria, parecia uma mudança, logo entravam em ação o Pipoca (Hermelindo Azevedo), o Ismael e o Otavio; acompanhado de meus irmãos e amigos reali-

zavam pescarias memoráveis.

Gratidão era uma característica pessoal, ele dizia sempre que Dourados o havia acolhido com muito carinho, inicialmente por meio dos ouvintes e depois por meio das famílias Fioravante, Rosa, Lourenço, Bussuan, Pires, Moraes, Mattos, Azambuja, Benedetti, Martins, Bonfim, Bergo Duarte, Camilo Hermelindo da Silva, Miguel, Amaral, Torres, Capilé, Razuk, Arteiro, Marcondes, Perazzolo e de muitas outras com as quais até hoje mantemos amizade. Os funcionários sempre foram amados por ele, muitos estão na área da comunicação, por exemplo, na Rádio Clube e na Rádio Itaporã até os dias atuais.

A sua fé inabalável em Deus e a sua devoção em Nossa Senhora deixaram lembranças lindas da hora do Angelus na Rádio Clube, quando ao final da tarde, com sua voz incomparável – forte e ao mesmo tempo suave – dirigia suas preces a Deus e a seus ouvintes.

A seguir, nos próximos parágrafos, lemos uma narrativa (resultante de entrevista por ele concedida aos jornalistas) sobre parte de sua história. Escrita por Nicanor Coelho (*in memoriam*), Osni Dias e Ricardo Minella.

A radialista e empresária Elizabeth Salomão é filha do casal Jorge Antônio Salomão e Maria Magdalena da Rocha Salomão, ambos falecidos. Ainda pequena, acompanhava o pai no serviço de alto-falante na cidade de Indiana, interior de São Paulo. Depois, mudou-se para Dourados, quando o pai resolveu retomar as atividades da Rádio Clube, que, na época, encontrava-se desativada. Desde então, foi testemunha dos primeiros passos de Jorge Antônio na emissora que, na era de ouro do rádio, era audiência obrigatória em praticamente todos os lares douradenses. Nessa entrevista, ela conta os percalços iniciais e as conquistas que levaram seu pai a ser um radialista respeitado em todo o Mato Grosso do Sul, e a Rádio Clube a ser um dos principais veículos de comunicação do estado, principalmente pela determinação de um homem que colocava a missão de servir à população como sua causa principal.

Elizabeth e seus filhos, Najla, Youssef e Yuri, continuam à frente da rádio até os dias de hoje, seguindo a missão de seu Jorge.

Ondas em direção a Dourados

Meu pai, Jorge Antônio Salomão, era filho de imigrantes libaneses que se estabeleceram na cidade de Indiana, interior do estado de São Paulo. Ele nasceu em Porto Alegre, em 6 de dezembro de 1914. Foi casado com Maria Magdalena da Rocha Salomão, e desta união, formamos uma família com três irmãos: eu, o Jorge Roberto e o José Antônio. Desde pequeninha, convivi com meu pai sendo um grande comunicador que a todos ensinava a arte do microfone. Tudo começou com um serviço de alto-falante que ele montou em Indiana, e não parou mais. Ele era um empreendedor e muito inteligente e resolveu ingressar na radiodifusão, sendo, inclusive, fundador de várias emissoras no interior de São Paulo. Somente para a rede Piratininga, montou dez estações desde a base. Depois, ajudou a dirigir outra rede com 36 estações.

A vinda dele para Dourados se deu na década de 60. Minha mãe contava que, depois de alguns anos montando e dirigindo emissoras de terceiros, ele resolveu ter seu próprio negócio. E falando isso para um amigo que ele tinha na época, o deputado federal Mário Eugênio, ouviu o conselho para vir a Dourados, onde havia uma rádio que estava desativada. Então, ele foi ao Rio de Janeiro verificar a documentação e achou por bem fazer o negócio. Depois veio a Dourados para iniciar uma nova fase em sua vida. Foi paixão à primeira vista, tanto pela localidade quanto pelo povo que aqui vivia.

Essa história, eu ouvi de meu pai, por várias vezes, quando eu era uma menina. Quando ia contá-la, seus olhos brilhavam de uma maneira diferente, demonstrando a paixão que ele sentia não apenas pelo rádio, mas também pela emissora que ele dirigia com tanto carinho. Dizia ele das dificuldades iniciais, porque nessa época em Dourados não tinha energia elétrica, não havia meios de transporte

rápido; profissionais e técnicos da área, então, nem se fala.

A Rádio Clube foi fundada em 12 de outubro de 1957, estava temporariamente desativada quando ele aqui chegou. Porém, mesmo diante dessa realidade, meu pai trabalhou e colocou a rádio para funcionar. Desde então, a emissora está no ar ininterruptamente, ou seja, há sessenta e setes anos.

Mas voltando a falar sobre o início, meu pai relatava que foram dias muito difíceis, que requeriam uma perseverança e visão de futuro, pois, caso contrário, a realidade era desanimadora. Além das questões técnicas, o fato de na época não haver outras emissoras com programas de qualidade levava as pessoas a não terem o hábito de ouvir rádio em ondas médias, aqui na região. Contudo, um fator que impulsionava meu pai era o de que ele se apaixonou pela pequena cidade de Dourados.

Primeiros anos da Rádio Clube

Para alterar essa realidade, meu pai fez importantes mudanças e qualificou a programação, criando atrações musicais que começaram a cair no gosto dos douradenses. Nos primeiros anos, a Rádio Clube não tinha programa jornalístico, mas meu pai sabia que, para cumprir seu papel na comunicação, isso era uma necessidade. Mas, diante de todas as dificuldades, como ter acesso à informação e repassá-la aos ouvintes? Era preciso determinação e criatividade, e meu pai foi criando alternativas. A saída foi selecionar notícias de rádios dos grandes centros e incluí-las na programação local. Havia outro recurso, que, no jargão jornalístico, é apelidado de “tesoura press”: o recorte de notícias de jornais impressos para serem lidas no ar. Era dessa forma que os principais acontecimentos nacionais e mundiais eram levados aos ouvintes douradenses.

Jornalismo e “bronca” nas coisas erradas

Depois de algum tempo, o sucesso da estratégia levou meu pai a contratar uma equipe de jornalismo e esportes, formada por jovens que estavam iniciando carreira no rádio e, na verdade, a Rádio Clube foi uma verdadeira escola de radiodifusão e jornalismo na época. Foi criado, então, um programa que conquistou a sintonia dos lares douradenses por décadas, chamado “Fatos e Notícias”, e passou a ser audiência obrigatória no horário do almoço.

Sempre atento e disposto a levar informação de qualidade e rapidez, meu pai percebeu que deveria ampliar a abrangência da cobertura jornalística, e assim contratou repórteres para trabalhar fora do estúdio, os quais, por meio do telefone ou de um carro com a radiofrequência, faziam entradas com informações em tempo real e no local dos acontecimentos.

Consolidando a Rádio Clube na área de entretenimento, com programas matinais que levavam música e informações leves aos ouvintes, meu pai não se acomodou. Ele queria sempre mais. Foi então que, na década de 60, em pleno regime militar, resolveu apresentar um programa, ao mesmo tempo de informação e de opinião, chamado “A Bronca”.

Muitas vezes eu ficava no estúdio, vendo e ouvindo meu pai entrevistar as mais diversas personalidades locais e estaduais, ler notícias e fazer comentários, sempre muito abrangentes e balizados sobre diversos assuntos. Mas havia um ponto que ele sempre enfatizava: a religiosidade, a valorização da família e dos preceitos cristãos, os bons costumes. Assim, ele utilizava o rádio para levar mensagens de fé e esperança em Deus. Foi dessa forma que ele se tornou um radialista muito respeitado e conhecido em toda a região.

No entanto, o fato de meu pai falar a verdade em seu programa incomodou muita gente. Ele chegou a ser detido por falar do prefeito; quando o povo ficou sabendo, quase derrubou a cadeia. Ele fazia um jornalismo polêmico e até audacioso, para a época. Para você ter uma ideia, na estreia do programa, ele “esculachou” com a

polícia, por ela ter participado de uma pancadaria em um bairro da cidade, naquele mesmo dia. Meu pai me contava que quinze minutos depois de o programa ter ido ao ar, mais de dezenas de pessoas compareceram à rádio, todas falando que ele estava louco, que ia acabar morrendo. Ele recebeu mais de duzentas cartas anônimas com ameaças de morte. Demonstrando uma espantosa coragem, leu todas no ar e desafiou os mandantes, dizendo: “Se você for homem, marque o dia e a hora para resolver o assunto pessoalmente”.

Prestação de serviços: passo histórico

Com o sucesso de mais este programa, meu pai poderia considerar que já tinha conquistado tudo em sua área de atuação. Mas ele era inquieto e queria avançar sempre, e foi assim que tomou uma decisão que eu considero uma das mais importantes para a Rádio Clube: torná-la uma prestadora de serviço aos cidadãos, principalmente aos mais necessitados.

Naquela época, a cidade de Porto Murinho foi vítima de uma enchente histórica, e então a Rádio Clube fez uma campanha que conseguiu arrecadar treze caminhões carregados de doações para as famílias que tinham perdido tudo. Ficamos uma semana com uma programação voltada para essa campanha e conseguimos enviar para lá milhares de itens, entre eles: alimentos, remédios, roupas, calçados, cobertores, água potável, enfim, foi uma ação da qual até hoje me lembro com muita emoção e carinho, pelo coração humanitário e fraterno de meu pai e sua equipe.

Entremeio à sua atuação no rádio, meu pai também tinha grande apreço pela política, como forma de trabalhar pela conquista de melhores dias para a população. Foi assim que ele se candidatou a prefeito em 1969 e acabou eleito. Administrou Dourados até 1973, voltando a comandar a emissora a partir de então.

Na sequência, junto com os filhos Jorge Roberto, José Antônio e outros parceiros, fundou também emissoras em Ponta Porã, Itapo-

rã, Caarapó e Corumbá.

Já nos anos 90, criou um outro programa, denominado “Falando Sério”, semelhante ao programa “A Bronca”, com ênfase na visão crítica dos fatos políticos, jornalísticos e prestação de serviços, entre eles o “Mini Recados”, com audiência histórica.

“Tá valendo!” e tá valendo muito...

Meu pai esteve à frente dos microfones até 2003, quando em razão de problemas de saúde já não conseguia mais estar diariamente na emissora. Este homem, que sempre foi minha paixão, nos deixou em 2 de maio de 2004, vítima de parada cardiorrespiratória, aos 90 anos de idade, deixando esposa, filhos, netos e bisnetos, todos também apaixonados pelo rádio, meio de comunicação que ele considerava extraordinário.

A visão que ele tinha, em certos casos, era a de algumas décadas além de seu tempo. Um exemplo: quando surgiu a Internet, muitas pessoas disseram que o rádio estava fadado ao desaparecimento. Meu pai, no entanto, discordava e dizia: “Pelo contrário, a Internet vai ser uma ferramenta a mais para a radiodifusão”. E hoje vemos que ele estava muito certo!

A grande verdade é que a figura de meu pai está marcada para sempre na história de Dourados, e do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, porque ele amou a cidade e sua gente, desde que aqui pôs seus pés pela primeira vez. Seu principal instrumento de trabalho era a voz, que colocou a serviço do progresso, das causas nobres, da vida e das pessoas mais humildes. Seu bordão “tá valendo”, que sempre soltava depois de uma abordagem, está na memória de tantos quantos o conheceram ou ouviram por meio das ondas da Rádio Clube.

Em nome da família Salomão, dos colegas de trabalho, amigos e patrocinadores, agradeço a Deus e à cidade de Dourados que, com tanto amor nos acolheu.

Por isso eu digo: “Tá valendo!”, tá valendo muito, e sempre estará, meu querido Jorge Antônio Salomão!



Saudando os familiares, funcionários e amigos, na Festa da Rádio Clube, 45 anos



Jorge Antônio, Elizabeth e Maria Salomão durante café da manhã no pátio da Rádio Clube em 2001



Pescaria os netos Najla, Youssef e Yuri



Família Salomão na festa de 45 anos da Rádio Clube em 2002



Missa em ação de Graças aos 45 anos da Rádio Clube



Campanha que arrecadou treze caminhões carregados de mantimentos para doações em Porto Murinho



Jorge Antônio com 89 anos apresentando o Programa Falando Sério!



Adiles do Amaral Torres

**“Dirigir o jornal ‘O Progresso’
foi uma profecia de infância”**

Douradense “da gema”

Meu pai era viúvo e minha mãe também. Minha mãe tinha uma filha e um filho: a Nilda, que morreu com quatorze anos, afogada no rio Dourados e o Eduardo, o Dadai. Meu pai tinha o Celso e o Miguel.

Ele chegou aqui em 1930, vindo de Palmeira das Missões. Eu nasci em Dourados, no dia 29 de dezembro de 1933. Sou a única filha dos dois. Meu pai era agrimensor; quando ele chegou aqui, o Seu “Vadu” (não me lembro do nome exato) o ajudou a demarcar a cidade de Dourados.

Meu pai trabalhava muito na demarcação de terrenos, chácaras, trabalhava o dia inteiro fora. E era meio líder aqui, todo mundo era amigo, ele gostava muito de falar sobre política e tal. Foi vereaa-

dor uma vez só, em Dourados. Às vezes ia fazer medição em Cuiabá, em Corumbá. Chegou a ser diretor do Departamento de Terras em Cuiabá, quando o estado era uno.

Infância e estudo

Tive uma infância muito boa. Gostava muito de fazer teatro. A Blanche, minha filha, puxou a mim. Eu escrevia peças de teatro, de balé, ensaiava balé com as meninas e apresentava. O meu pai mandou até fazer um palquinho no fundo da nossa casa, e eu cobrava, na época, quinhentos réis o ingresso. Enchia de gente; esse dinheiro eu dava para a Igreja Católica, para os padres.

A primeira escola pública onde estudei era da Dona Antônia de Mattos, Dona Tonica. Fiz em Dourados o curso primário: o primeiro, o segundo, o terceiro, quarto e quinto anos. Daí fui para o internato, no Colégio das Irmãs, em Campo Grande, onde fiz o ginásio e o colegial.

Quando eu ia fazer quinze anos, conheci o Weimar [Torres] e parei de estudar. Não fui mais pro internato. Anos depois, período em que meus filhos já estavam grandinhos, criou-se, em Dourados, a Socigran (hoje, Unigran); então, eu fiz o curso de Direito.

Namoro e casamento

O Weimar se formou em Direito no Rio de Janeiro. Lá ele trabalhava na Mate Laranjeira. Trabalhava o dia inteiro e estudava à noite. Naquela época era obrigatório os estudantes de Direito irem de terno e gravata. Ele era um menino que não tinha boas condições financeiras. Tinha um terninho só. Ele me falou que, quando o terno estava meio sujo, ele ia na lavanderia, ficava só com a roupa íntima, estudando num quartinho, enquanto lavavam o terno a seco.

Com o dinheiro que ele recebia do trabalho, pagava um quartinho e a comida... chegou a passar fome. Já formado, veio a Doura-

dos para fazer um serviço de advocacia.

Foi o primeiro advogado a estabelecer moradia aqui em Dourados. Veio para cá e a gente acabou se conhecendo na saída da igreja. Casei-me com dezessete anos. Eu ia fazer quinze, quando nos conhecemos.

Meu pai era muito enérgico, né? Imagina! Ele estava fazendo medição, e, quando voltou, o Weimar me disse: “Vou falar com o teu pai”. Falei: “Pelo amor de Deus, não!” Ele afirmou: “Vou”. Aí ele disse pro meu pai: “Eu quero ficar noivo da sua filha”. “Você está louco? Ela não tem nem quinze anos. É uma criança, ainda”, meu pai falou. “Não, mas se for preciso esperar vinte anos, eu espero”. Então, o Weimar chegava lá em casa: sentávamos o meu pai, a minha mãe, eu e ele, não tinha esse negócio de abraço, beijo, nada.

Fundação de “O Progresso”

O pai do Weimar fundou o Jornal “O Progresso” em Ponta Porã, em 1921/22; o Weimar não tinha nem nascido. Quando ele já estava crescendo, o pai mostrava os jornais antigos e falava: “Olha, meu filho, é o Jornal ‘O Progresso’, que eu fundei aqui em Ponta Porã, mas tive de parar”. Isso porque o pai do Weimar também era advogado, formado no Nordeste, e teve de parar com o jornal, pois havia sido nomeado promotor – seria incompatível dirigir um jornal e exercer o Ministério Público.

Então, Weimar disse para o pai: “No dia em que eu me formar, vou reviver ‘O Progresso’ em Ponta Porã”. No entanto, ele veio para Dourados, a gente se conheceu, ele gostou da cidade e acabou ficando e retomando “O Progresso” aqui. Assim, com muita dificuldade, no dia 21 de abril de 1951, a marca “O Progresso” se iniciava em Dourados.

A morte de Weimar Torres

Certa ocasião, o Weimar foi convidado a candidatar-se a vereador, e acabou aceitando. Naquele tempo, os vereadores não eram remunerados, porque a cidade era pequena, não tinha remuneração. Depois convidaram-no para ser deputado estadual. Foi. Depois para federal. Foi. E, então, quando ele era deputado federal, nós nos mudamos para Brasília.

A gente só vinha para Dourados nas férias. A June, Weimar Jr. e a Blanche já estudavam em uma escola pequenininha, lá em Brasília. Certa noite, no ano de 1969, quando Weimar retornava de Dourados para Brasília, o avião em que ele estava caiu em Londrina.

Eu estava com as crianças em Brasília, acompanhada de uma colaboradora que eu havia levado de Dourados para me ajudar lá. Recebi um telefonema, à meia-noite, dizendo que havia acontecido o acidente, que Weimar havia falecido. Fiquei num desespero louco, porque ele tinha sido o único homem da minha vida, o primeiro e único namorado.

Ele tinha uma premonição de que ia morrer cedo. Naquela época já havia um voo, uma vez por semana, aqui. Na volta de Dourados para Brasília, na hora em que o avião estava levantando voo [na escala em Londrina], gritaram: "Fogo!"; o Weimar arrancou a janela de emergência e pulou. No momento em que ele pulou, a hélice bateu em sua cabeça, e ele morreu. Os outros passageiros morreram queimados.

Profecia concretizada

Eu me lembro dos primeiros médicos da minha época: doutor Camilo Ermelino da Silva, um médico muito bom, e o doutor Nelson de Araújo. Os dois eram tão legais que, se a pessoa não tinha condições de pagar, não pagava, e era igualmente atendida. Tinha ainda o Seu Mandacaru, que dava remédio natural e muita gente

se curava. Um dia, ele estava almoçando lá em casa, eu tinha uns dez, onze anos, ele olhou bem pra mim e falou: “Essa menina tem uma missão bem importante na vida”. Mas eu não sabia qual seria.

Depois que o Weimar morreu e fiquei responsável pelo jornal, meu pai disse: “Você lembra do que seu Mandacaru, falou”? Falei: “Lembro”. “Aí: é isso”, ele afirmou. Felizmente, nessa missão, sempre contei com o apoio e dedicação de minhas filhas, June e Blanche, e, depois, com o do meu esposo, o advogado Carlos Alberto Farnesi, com quem me casei, dezesseis anos depois da morte do Weimar, no ano de 1985.

Crescimento vertiginoso

Dourados está crescendo muito. Muito mesmo. Quando a gente sai nos bairros por aí, a gente nota a diferença. É porque Dourados tem vários fatores que contribuem para isso. É uma Cidade Universitária, tem terras férteis, e muitos municípios convergem para cá. Dourados é uma cidade que tem grande futuro, confirmando a manchete de “O Progresso” em sua primeira edição: “Vertiginosa! É a marcha de Dourados para o progresso!”



Adiles do Amaral Torres, na época solteira, sentada na sacada do Sobrado do seu pai Vlademiro Müller do Amaral



Adiles e Weimar com os filhos



Adiles com a mãe Teodolinda e os filhos June, Weimar e Blanche



Bodas de Ouro de Vlademiro Müller do Amaral e Teodolinda Ugolini do Amaral - Acervo Celso Carvalho do Amaral



Adiles e família



Adiles e Dr. Farnesi



ANTONIO FUZIY

“Cinco décadas em Dourados, pedaço
de chão abençoado por Deus”

História que começou no Japão

Meus pais, Katuo Fuziy e Yuki Fuziy, chegaram ao Brasil em 1917, recém-casados. Desembarcaram no Porto de Santos, depois de viajar de navio por setenta e nove dias.

Nasci em 3 de março de 1937, na Fazenda Santo Antônio, no Distrito de Jurucê, município de Jardinópolis - SP, onde vivi até os nove anos. Em meados de 1947, nós nos mudamos para Barrinha - SP, que fica a setenta quilômetros de Ribeirão Preto - SP. Fomos morar no sítio do Sr. João Sumi. Para frequentar o segundo semestre do terceiro ano e o quarto ano, em Pitangueiras - SP, eu viajava de trem da Paulista; tomava o trem na Barrinha e passava por duas estações.

De casa até Barrinha caminhava quarenta minutos, cerca de sete quilômetros, a pé. Retornava por volta das 14 h; almoçava e já iniciava a lida diária: cortar capim, descascar milho no paiol, puxar

água do poço para dar aos animais e aguar a horta da minha mãe.

Nessa época adquirimos um sítio em Cravinhos - SP, na Fazenda das Flores, onde trabalhava toda a família. Os recursos eram poucos e os equipamentos, de tração animal. E foi na base do enxadão e do machado, com trabalho duro e suado, que destocamos uma grande área para plantio de arroz, milho, amendoim, mamona e tomate. Ali, batalhei até os vinte anos de idade.

De Cravinhos, fomos para Ribeirão Preto. Foi a primeira vez que tivemos o conforto da energia elétrica. Até então, tinha sido somente lamparina. Lá, comecei a trabalhar no setor de bar e restaurante, no de mercearia (secos e molhados) e no de atacado. Nos anos 70, entrei no ramo de venda de cereais.

O casamento e os filhos

Eu e a Maria Luiza nos conhecemos em 1965, em uma festa, gincana (undokai), em Ribeirão Preto. O casamento ocorreu em 19 de janeiro de 1969. Saímos em viagem de lua de mel e, por coincidência, foi a primeira vez que tiramos férias, pois tanto ela quanto eu, até então, não tínhamos feito outra coisa a não ser trabalhar.

Nossos três filhos nasceram em Ribeirão Preto. O primeiro, o Marcelo, nasceu em 15 de janeiro de 1970; é formado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. A Alessandra veio ao mundo em 19 de abril de 1972; formou-se em Arquitetura, na Universidade Mackenzie, de São Paulo. Em 18 de junho de 1973 nasceu o Fernando. Ele cursou Agronomia na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Conhecendo Dourados

Nos anos 70, recebi uma proposta da Ração Dutra, de Guarulhos - SP, para fazer compras de milho, destinado à produção de ração. E, como eles pagavam uma comissão de valor considerável

apenas para pessoas jurídicas, precisei constituir uma empresa.

Foi aí que abri a CORPAL, nome formado pelas iniciais de Comércio e Representações de Produtos Agrícolas Ltda. Então, passei a trabalhar com compra e venda de cereais. Considerando que a disponibilidade de cereais estava diminuindo, tive de fazer busca em outras regiões que tivessem bom volume de produção. Assim, fiz uma pesquisa e concluí que Dourados seria esse lugar. Vislumbrei ainda que aqui seria um ótimo local para iniciar nova vida, e não me enganei.

CORPAL: um novo começo

Eu tinha um amigo de nome Adir Duarte de Oliveira, que estava à procura de emprego, e o convidei para fazer uma pesquisa em Dourados. O Adir veio e fez os levantamentos em janeiro de 1977; os dados nos animaram a abrir uma filial em Dourados.

No dia 15 de fevereiro, entre as 14h e 15 h, embarcamos num Fusca com destino a Dourados, onde chegamos no dia seguinte, por volta das 10 h. Foi uma viagem longa e cansativa, mas digo que valeu todo o sacrifício, pois aqui me realizei, e, neste pedaço de chão, abençoado por Deus, estou há quarenta e sete anos.

Em Dourados, além de atuar com compras de cereais, passamos a atuar na área de agricultura e pecuária. Comecei a investir em cidades da região (Maracaju, Sidrolândia e Rio Brillhante), e, pelas distâncias que tinha de percorrer, até me tornei piloto de avião. Isso deu maior agilidade à parte administrativa, porque na época as estradas eram de chão e ainda muito malconservadas.

Viajando de aeronave, eu fazia, em apenas três horas, trajetos que antes demorava o dia inteiro para percorrer. Assim, eu conseguia resolver os problemas em locais distantes e ainda tinha tempo para desenvolver outras atividades.

No ano de 1999, decidimos criar uma incorporadora e construtora. Em 2008, lançamos o primeiro loteamento, denominado Alto

do Monte Alegre, que foi um verdadeiro sucesso. Entusiasmados, decidimos trabalhar firme nesse ramo de atividade, ao lado das demais atividades que abraçamos, desde a nossa chegada a Dourados.

Aprendizado na Cristandade

Em 1980, fui convidado para fazer o Cursilho de Cristandade, um retiro da Igreja Católica; ali comecei a me envolver com a filantropia. Uma das primeiras instituições que visitei foi o Asilo da Velhice Desamparada, onde conheci a dona “Loca”.

Quando ali estive, em uma data próxima do final do ano, dona “Loca” me perguntou se eu poderia fazer e servir o almoço no dia do Natal, proposta que aceitei de imediato; fizemos isso durante vinte anos. Tal ação se estendeu também para o domingo de Páscoa, com a participação da esposa e dos filhos.

Certo dia, dona “Loca” me pediu para eu ver, com outros empresários, se a gente conseguiria fazer um pequeno hospital para atender os idosos. E falando com a dona Helena Uemura, pessoa caridosa, de pronto ela aceitou. Então, construímos um ambulatório, que ajudou muito no atendimento aos velhinhos.

Na Casa da Divina Providência, administrada pela dona Rosalina (falecida em 2012), no Natal e no domingo de Páscoa também fazíamos a comida, preparávamos a bebida e os presentes. E ela, com muito amor, servia a bebida e distribuía os presentes.

Por essa época também visitei a Creche Lar André Luiz, que tinha a dona Josefina Capilé e o senhor Flamarion como responsáveis. A pedido de dona Josefina, mandei construir, nos fundos do terreno, uma cozinha ampla e uma sala de aula. Durante dezesseis anos, contribuí financeiramente com a entidade, ajudando na sua manutenção.

Fiz cursilho em 1980, e estou até hoje, 44 anos, e durante esse tempo fui coordenador por várias vezes, que foi quando começa-

mos a alimentar o sonho de ter uma sede. Em junho de 2013, durante encontro que fizemos em Caarapó, lancei a ideia e fiz a doação do terreno. Realizamos um bingo e uma rifa que tiveram um saldo líquido de aproximadamente R\$ 400 mil. No dia 19 de outubro de 2014, lançamos a pedra fundamental e iniciamos a obra, cuja casa funciona há uns cinco anos.

O Instituto Fuziy

Em 2010, minha filha Alessandra visitou um instituto, denominado Comunidade Crescer (CDI), em Goiânia, que trabalhava com crianças, ministrando vários cursos voltados à promoção da cidadania dos mais carentes. Ela montou um projeto com as mesmas características para lidar com crianças em Dourados e também aprender e ganhar experiência nesse tipo de atuação.

Com esse objetivo, em 31 de janeiro de 2011, alugamos uma pequena casa no Jardim Canaã IV. Compramos doze computadores e outros materiais necessários. Inclusive montamos uma cozinha para fornecer lanches aos alunos. Logo teve início o curso de informática, que foi um sucesso.

Os trabalhos funcionaram ali durante três anos, até mudarmos, em 4 de maio de 2014, para uma chácara bem ampla, situada na rua Ramão Osório, 485, na Vila São Brás. A entidade passou a ser denominada Instituto Fuziy, ofertando, atualmente, vários cursos (informática, balé, taekwondo, capoeira, jovem aprendiz, música, violão, canto coral, corte e costura, artesanato, culinária, bordados, pintura em tecido, fabricação e pintura de fraldas), atendendo cerca de 350 crianças.

No Instituto também são desenvolvidas atividades na área de assistência social, como a do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Tendo em vista que hoje em dia tudo precisa ser agendado, ali são marcados atendimentos em órgãos públicos para as pessoas que precisam tirar documentos, como tí-

tulo de eleitor, identidade; efetuar procedimentos no INSS e até mesmo consultas na UPA e em outras unidades de saúde. Também são ministradas, ali, aulas de psicologia, em parceria com a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Esse serviço já beneficiou mais de cinco mil pessoas.



Foto do nosso casamento, quando tudo começou



Eu trabalhando no escritório



Foto do meu aniversário de 80 anos



Foto com meu avião, indo para as fazendas



Bodas de ouro



Foto da Maria Luiza trabalhando no escritório



Celebração dos 55 anos de matrimônio no dia 19/01/2024



Claudio Takeshi Iguma

“Tenho um amor sem medida por Dourados”

Cheguei nesta terra, ainda menino, com pouco mais de doze anos de idade, na companhia da minha mãe, Masuko Iguma, e dos meus irmãos, Içao, Sérgio, Lauro e Ana. Papai conheceu, e se encantou por Dourados, um pouco antes, mais precisamente, no início de 1953, quando decidiu sair de Lavínia em busca de melhores condições de prosperidade.

Nasci em Lavínia, no interior de São Paulo, em 1º de setembro de 1942. Minhas primeiras memórias são de papai administrando um armazém e trabalhando na compra e venda de cereais, até que uma grave crise econômica, em 1952, provocou a perda de quase tudo que tínhamos.

Com dívidas a honrar, papai, cujo caráter era ilibado, optou por reunir e entregar, à mamãe, as últimas economias. Em seguida, partiu rumo a Dourados, cidade que começava a receber os primeiros imigrantes japoneses, atraídos pela criação da Colônia Agrícola

Nacional de Dourados (CAND). Chegando aqui foi trabalhar em parceria na compra e venda de cereais, com o objetivo de juntar dinheiro suficiente para retornar à Lavínia, quitar as dívidas e regressar, com toda a família, para Dourados.

Quando cheguei a Dourados, junto com meus irmãos, papai já estava à frente da Madeireira Continental, localizada na região que, mais tarde, ficou conhecida como Cabeceira Alegre. Ainda guardo viva na memória aquela época, em que dividia meu tempo entre ajudar na serraria, estudar e me aventurar pelas campinas daquela região, que foi crescendo, com muita rapidez; poucos anos depois já estava bastante habitada e desenvolvida.

Concluí o Ensino Primário na Escola Erasmo Braga. Como Dourados ainda não oferecia Ensino Secundário, meus pais me mandaram para estudar em Campo Grande, assim como haviam feito com meus irmãos. Papai e mamãe não abriam mão da educação sólida e tinham convicção de que somente estudando muito poderíamos garantir um futuro melhor, próspero e marcado pela dignidade.

Fui ainda moço para Campo Grande e tinha a confiança de que iria buscar uma formação superior e retornar a Dourados, cidade pela qual me apaixonei, desde o dia em que aqui cheguei. Após concluir os três anos do Ensino Secundário, curso científico, decidi fazer o Ensino Superior em Curitiba, no Paraná. Ingressei na Faculdade de Direito, da Universidade Federal do Paraná, em 1963, curso que me tomava apenas um período do dia. Foi, então, que prestei um segundo vestibular e fui aprovado na Faculdade de Ciências Econômicas do Paraná, passando a cursar duas graduações simultaneamente.

Foram anos difíceis, distante dos meus pais, dos meus irmãos e amigos, mas eu tinha certeza de que todo meu esforço seria recompensado nos anos futuros. Eu só pensava em me formar, voltar para Dourados e vencer nessa cidade que tão bem me acolheu e a toda minha família. Em 1966 concluí a Faculdade de Economia, a primeira graduação; confesso que a opção por esse curso foi jus-

tamente por força do espírito empreendedor que continuamente norteou minha vida. Sempre empreendi e, graças a esse perfil, conquistei tudo que eu almejava desde o início.

Em 1967 concluí a Faculdade de Direito e retornei para Dourados, quando meus irmãos e meus pais me presentearam com um escritório, todo montado, para que eu iniciasse a carreira de advogado. O escritório ficava numa sala, na avenida Marcelino Pires, entre as ruas Nelson de Araújo e João Cândido Câmara. O ano era o de 1968, junto com o Direito, passei a atuar também na administração de imóveis; atendia a maioria de imigrantes, descendentes de japoneses, que estavam construindo para investir e não tinham segurança necessária para alugar ou vender. Nessa época, a corretagem e a administração de imóveis ainda não era uma profissão regulamentada. Então, procurei por profissionais já experientes nessa área e, após intercâmbio de conhecimentos, decidi atuar também no mercado imobiliário.

Assim nasceu a Imobiliária Continental, que ganhou esse nome em homenagem à Madeireira Continental. Fui o primeiro corretor de imóveis em toda a região da Grande Dourados, com o registro número 25, no Conselho Regional dos Corretores de Imóveis; isso, quando o Mato Grosso era estado uno e possuía apenas 24 corretores inscritos. Eu sabia que somente com conhecimento, transparência e seriedade iria prosperar no mercado imobiliário. Assim o fiz, tanto que rapidamente já contava com uma carteira de clientes de imigrantes japoneses e de diversas famílias pioneiras de Dourados.

Tudo era muito difícil, mas, como Operador do Direito, eu passei a atender as famílias de imigrantes japoneses que chegavam em Dourados e não conseguiam comprar imóveis, rurais ou urbanos, por se tratar aqui de faixa de fronteira. Com isso, iniciei uma cruzada para naturalizar os imigrantes japoneses que chegavam à Grande Dourados e tinham interesse em investir em imóveis. Foram longas e cansativas jornadas até o Rio de Janeiro, onde ficava o órgão do Itamaraty responsável pela naturalização dos imigrantes

que chegavam ao Brasil.

Pouco tempo depois, em razão do aumento da demanda por administração de imóveis, a Imobiliária Continental já estava localizada em um espaço maior, na avenida Marcelino Pires, esquina com a rua Hayel Bon Faker, antiga rua Bahia. Nesse período, eu ocupava a presidência da Sociedade Nipo-brasileira de Dourados, levando orientações a imigrantes e a filhos de imigrantes que moravam em Dourados, assim como promovendo e fortalecendo a cultura japonesa.

Os dias passavam muito rápido em razão do volume de trabalho, ainda assim meu espírito empreendedor, sempre em busca de novos desafios, me levou a fundar, junto com meus irmãos e sócios, a Pioneira Reflorestadora Matogrossense, a Pirema, em 1970, quando aproveitamos a oportunidade de investimentos nesse setor e passamos a adquirir áreas para reflorestar e comercializar. Fui diretor-administrativo da Pirema, desde sua fundação, empreendimento que gerou importantes resultados.

Cada novo desafio revigorava a certeza de que eu permaneceria em Dourados, cidade que sempre enxerguei como terra de oportunidades para todos aqueles que têm apego ao trabalho, ao empreendedorismo e à seriedade.

Advogando, administrando imóveis, por meio da Imobiliária Continental, e empreendendo, por meio da Pirema, também passei a atuar na regularização de imóveis que estavam, em Dourados, em desconformidade com a legislação. Ao mesmo tempo, a Imobiliária Continental lançava empreendimentos que hoje fazem parte da vida de milhares de douradenses, como o Bairro Vista Alegre, o Bairro Jardim, Jardim Manoel Rasselen, Jardim Faculdade, Residencial Continental I e II e, mais recentemente, um dos grandes cases de sucesso imobiliário da nossa cidade – o Jardim Cristhais.

Apesar dos tantos compromissos profissionais, com tantos desafios a superar, nunca deixei de atender a cidade que me recebeu de braços abertos. Buscava tempo e disposição para atuar, com a

mesma seriedade, como delegado do Conselho Regional de Imóveis, o Creci, e fui um dos fundadores da Associação dos Advogados da Região da Grande Dourados. Presidi com dedicação a Associação Douradense das Empresas Imobiliárias e fui conselheiro do Sindicato da Habitação e Condomínios de Mato Grosso do Sul. Fui advogado da Prefeitura de Dourados, na área tributária, de 1968 a 1970, e chefe do Comissariado do Juizado de Menores de 1969 a 1970.

Tenho orgulho especial do trabalho social que sempre desenvolvi, seja na presidência da Sociedade Nipo-brasileira de Dourados, seja no Rotary Clube Douradão, na gestão 1976 a 1978, ou na presidência da Loja Maçônica Antônio João, número 5, na gestão de 1992 a 1993. Meu compromisso com Dourados e com sua sociedade renderam títulos, comendas e monções que estarão sempre nas minhas memórias; só tenho que agradecer o carinho que sempre recebi de todos.

Agradeço por tudo que essa cidade me proporcionou à qual sempre retribuí com o melhor para o seu desenvolvimento. Mas nada supera a família que constituí em Dourados, ao lado da minha querida esposa, Elisabete, com quem me casei, em 30 de janeiro de 1971, e que me deu as filhas Cristiane e Thais, que, por sua vez, nos presentearam com nossos amados netos, Eduardo Iguma Câmara e Leonardo Iguma Câmara (filhos da Cristiane com Renato Câmara) e a pequena Gabriela Iguma Azambuja (filha da Thais com João Augusto Azambuja). Sou douradense de coração. Amo esta terra. Aqui cheguei menino e fui acolhido.

Reflorestador Pirema



Jardim Cristhais



Claudio no início da carreira

Claudio e Elisabete com as filhas Cristiane e Thais



Claudio e Elisabete com os netos Gabriela, Eduardo e Leonardo





FERNANDO JOSÉ BARAÚNA RECALDE

“Dourados sempre me pediu para voltar”

Nasci em 5 de outubro de 1963, em Ponta Porã, no então estado de Mato Grosso. Vim ao mundo em uma mistura bem conhecida por estas bandas. Meu pai, Geraldo Recalde, paraguaio, e minha mãe, Neusa Catharina Baraúna Recalde, brasileira. Somos seis, eu e mais cinco irmãs; nossa família reflete uma boa junção de tradições paraguaias e brasileiras.

Na adolescência, meu pai tornou-se alfaiate em São Paulo-SP. Em meados dos anos 1975, trouxe máquinas de costura e montou em Ponta Porã sua indústria de confecção, uma das primeiras de MT.

Em 30 de junho de 1980, o papa João Paulo II chegava ao Brasil e parte da minha família mudava-se para Campo Grande. Minhas irmãs mais velhas foram para lá estudar; pouco depois, eu e o restante da família também fomos morar na capital do já Mato Grosso do Sul.

O direito para mim foi um achado. Dourados, por sua vez, meu destino, na medida em que fui para longe Dourados sempre “me pediu” para voltar.

Em 1983, com vinte anos, fui selecionado, em Campo Grande,

juntamente com outros vinte e nove jovens, pelo Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR/Cavalaria). No dia da incorporação soubemos que a corporação fora transferida para a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, em Dourados. Esse foi meu primeiro contato com a cidade.

Retornei para Campo Grande, fui para Bela Vista e, de lá, para Três Lagoas. De volta a Campo Grande, fiz História nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (Fucmat), casei-me e, ali na capital, nasceu minha primeira filha, Natália. Àquela época o Brasil passava por instabilidade econômica e política depois de 21 anos de ditadura militar (1964-1985).

Em 1986, veio o Plano Sarney tentando controlar a inflação, congelando preços e salários e criando o Cruzado Novo – um desastre.

Depois de Sarney, veio o “Plano Collor”, que também não teve êxito, mesmo confiscando a poupança, congelando preços e salários, e criando nova moeda, o Cruzeiro. Nesse cenário, eu e minha família não ficamos nada bem financeiramente. Depois veio o Plano Real, vigente até hoje.

No início dos anos 90, fundamos a empresa Peg-Lev, cuja marca foi criada pelo publicitário Celso Arakaki. Tratava-se da primeira indústria de MS de confecção de bolsas, mochilas e acessórios padronizados com o logotipo de escolas, empresas, associações. Implantamos o sistema consignado e nossos produtos eram vendidos por toda Campo Grande.

Mas as más escolhas, anteriores ao Plano Real, provocaram nossa falência, em 1994. Eu estava no meu segundo casamento, e a Marilene, minha esposa, esperava meu segundo filho, João Pedro, que nasceria em 1995, em Tocantins, terra de Marilene.

Fiquei quatro anos no Tocantins, mesmo com minha mãe e minha irmã, Tânia, questionando sobre eu estar a dois mil quilômetros de casa. Alguns anos se passaram e fui convencido a voltar ao MS, junto com Marilene e João Pedro, depois de visita de minha mãe, em 1998.

Além da distância, minha mãe queria que eu estudasse e fizesse concurso público. Ela se propôs a manter-me, todo o ano de 1999, para que eu pudesse me readaptar.

Fiz um cursinho preparatório e conheci a professora Isali Dinai-sa, uma das mais conceituadas mestras de português do estado. Ela e minha mãe eram amigas, o que me fez redobrar minha preocupação em estudar.

Ao me matricular no cursinho, Dona Neusa falou muito sério comigo: era para focar nos estudos e trilhar algum rumo na vida, sugerindo que eu fizesse Direito – o que eu queria.

No início de 1999, todos os concursos públicos foram cancelados pelo governo federal, e só me restou a opção de prestar vestibular. Foi quando eu soube, no cursinho, do vestibular de inverno de Direito, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em Dourados. Era a oportunidade de treinar para o vestibular de final de ano, em Campo Grande.

Fiz o vestibular e passei, embora eu e minha mãe não esperássemos, ainda mais para um curso ministrado no período matutino, como é até hoje, o que dificulta ao discente conseguir trabalhar.

Renunciar à vaga não era a opção, e minha mãe me deu confiança suficiente para que eu me mudasse para Dourados, ao estender o apoio financeiro de um, para cinco anos, ou seja, até a conclusão do curso. Assim me matriculei na 3ª turma de Direito da UEMS.

Então, aos trinta e cinco mudei-me para Dourados. Morei cinco anos no Hotel dos Viajantes, na rua Albino Torraca, no centro, onde fui muito bem atendido; tenho boas recordações do “Hotel”, como carinhosamente era chamado pelos universitários que lá moravam.

Dr. Baraúna

O novo ciclo de minha vida, em Dourados, me obrigou a pacificar-me acerca de qual sobrenome eu usaria para construir minha carreira profissional.

Baraúna tem vários significados, mas gosto da versão em que a palavra dá nome a uma planta, a mais alta da Caatinga brasileira. A Baraúna tem uma madeira muito dura, conhecida como aquela que “enverga, mas não quebra”. Há muita poesia neste significado.

Desde muito jovem, minha mãe pedia para que eu usasse o sobrenome do meu avô materno, José Baraúna, militar do Exército, que saiu da Bahia para servir no 11º Regimento de Cavalaria, em Ponta Porã.

Concordei em parte, revelando que adotaria Fernando Baraúna Recalde. Para nossa surpresa, após o primeiro dia na faculdade, meus colegas passaram a me chamar de Baraúna; e outros, mais íntimos, de “Bará”, apelido que também era atribuído ao meu avô. O destino mostrou que o acaso não existe, e assim foi durante todo o curso: Baraúna!

Na época precisei explicar para minhas irmãs que não estava “renunciando” ao Recalde para me diferenciar delas. Foi uma escolha que Dourados fez para mim e foi aqui que, de fato, nasceu o Dr. Baraúna.

Na universidade fui alçado a líder, mesmo sem minha vontade, em vista da responsabilidade inerente à função. Pretendia concluir o curso o mais rápido possível e voltar para Campo Grande. A liderança, decerto, aflorou pela experiência adquirida no movimento estudantil, na década de 80, na Fucmat.

Na liderança convivi com professores e professoras do curso. Logo no primeiro ano conheci um “veterano” da primeira turma da faculdade – o hoje meu sócio, amigo e irmão, José Oscar Pimentel Mangeon Filho.

Muito pressionado pelos colegas a me candidatar à presidência do Centro Acadêmico XXVII de Agosto, topei a parada depois de o Oscar aceitar ser meu vice e a Magda Cristina Franco ser a secretária. Vencemos e assumimos a diretoria provisória, já que a entidade não estava formalizada.

Criamos e aprovamos o estatuto do CA, providenciamos a bu-

rocracia necessária e logo em seguida fomos eleitos por aclamação. Durante o mandato realizamos várias atividades, entre elas a 1ª Semana Jurídica “Expectativas e Perspectivas do Ensino Face ao 3º Milênio”, a Semana Acadêmica com Concurso de Oratória e o I Ciclo de Palestras “Ética Pública e Direito em Evolução”.

Dentro da universidade fui me identificando com Dourados, participando de momentos importantes para a sociedade douradense, como o do projeto de iniciação científica “Avaliação Ambiental Estratégica Natural”, que me levou a palestrar no II Congresso de Direito Tributário, Constitucional e Administrativo.

Também participei ativamente do Movimento Passe Livre, cujo benefício havia sido revogado, em 2002, pelo então prefeito Laerte Tetila. A conquista foi consolidada em 10 de fevereiro de 2003.

Concluído o curso, decidi contribuir para o desenvolvimento de Dourados e de MS com a monografia “A função Social dos Contratos de Distribuição na Indústria de Gás Natural”, abordando essa matriz energética no estado.

Assim, depois de cinco anos, e eu já com quarenta anos, chegava ao fim, com sucesso, o ciclo de estudos e o projeto de minha mãe para minha vida.

Retornei a Campo Grande, prestei e passei no exame da OAB. Lá, eu e minha mãe decidimos que iríamos morar juntos em Dourados, o que aconteceu nos dez anos seguintes; em 2015, ela retornou à capital.

Com a ideia consolidada de construir carreira em Dourados, era hora de iniciar a caminhada. O Oscar já estava com escritório montado e eu, iniciando. Decidimos criar o Escritório de Advocacia BARAÚNA, MANGEON e Advogados Associados, com ênfase no Direito Eleitoral e Administrativo, com especialização em Contratações Públicas. Assim o desejo da Mãe se concretizou, sendo BARAÚNA o nome que identificaria o Fernando José Baraúna Recalde.

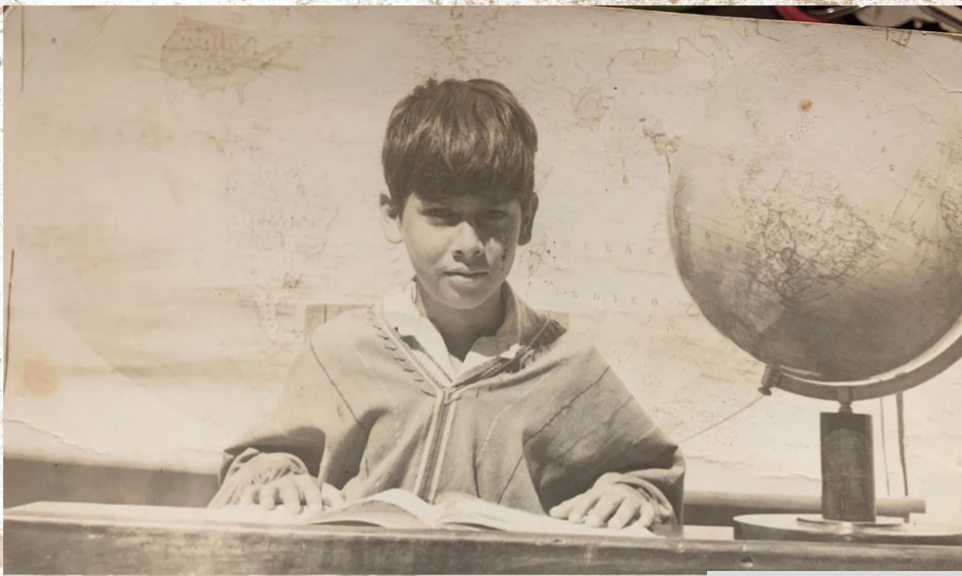
Não demorou muito para que começássemos a captar clientes;

fomos nos fixando por meio do bom trabalho prestado.

Em 2008, assessorei a campanha eleitoral vitoriosa, do então deputado estadual Ari Artuzi, à Prefeitura de Dourados. Integrei o secretariado municipal na Procuradoria Geral do Município, onde fui um dos responsáveis por grande parte das desapropriações das áreas para construir a perimetral norte ou anel viário.

Pouco antes da Operação Uragano (que prendeu o prefeito, o vice, o presidente da Câmara, vereadores e empresários) fui convidado a assumir a Assessoria Especial, onde fiquei até a posse do prefeito interino, o então presidente do Fórum de Dourados, o juiz e hoje desembargador, Eduardo Machado Rocha. Despedi-me da função pública pela mesma porta que entrei – a da frente.

Por fim, posso afirmar que Dourados me escolheu e continua, ao longo de todos esses anos, me dando provas de que sou mais que bem vindo, sou parte daqui.




Fernando em foto tradicional na época escolar em Ponta Porã - MS

Você quer o melhor para o Centro Acadêmico de Direito da UEMS?

Vote:

Chapa 01



Construindo o C.A. com Ética!!!

Presidente: Fernando B. Recalde
Vice: José Oscar Pimentel
1º secretário: Magda Cristina Franco
2º secretário: Michele Cheung
1º tesoureiro: Viviane Rodrigues
2º tesoureiro: Daiane Souza
Suplentes: Marcel Santos

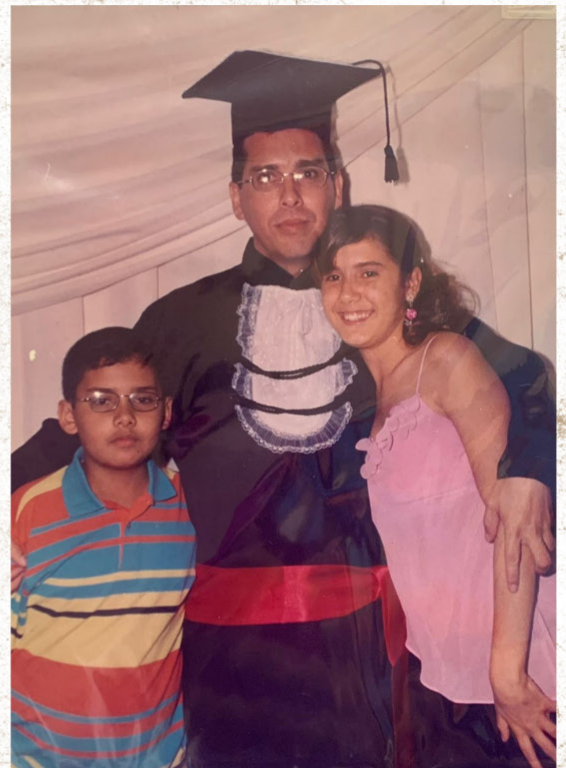
Apresentação das propostas para a Eleição do Centro Acadêmico



Minha mãe, Neusa Catharina Freire Baraúna, na sua formatura no Instituto Santa Marcelina - Botucatu - SP



Minha mãe, Neusa Catharina Baraúna Recalde, na minha formatura



Meus filhos João Pedro e Natália, na minha formatura



GERALDO RESENDE

“Sou apaixonado por Dourados, que, em poucos anos, será a metrópole de MS”

A chegada

Dia desses fui convidado a fazer um discurso na inauguração da biblioteca das Faculdades de Direito e Relações Internacionais (FADIR), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), para a qual eu tinha indicado uma emenda, no ano de 2016. A obra demorou, mas acabou saindo. No momento da fala, lembrei-me da minha infância: no local da biblioteca tinha sido uma fazenda. Recordo-me que a proprietária era uma senhora muito brava. Diziam que ela “mandava” bala de espingarda em quem fosse apanhar frutas ali. Essa lembrança ilustra muito como Dourados cresceu, de forma espantosa, em poucos anos.

Cheguei aqui no final da década de 1960, aos onze anos. Nasci em 20 de abril de 1955, em Córrego Danta, Minas Gerais. Meu pai era um pequeno lavrador e nos trouxe de Minas Gerais em um caminhão pau de arara. Fomos morar em um bairro periférico de

Dourados, onde hoje é o Jardim Santo André; desde criança comecei a trabalhar para ajudar no sustento da família.

Minha mãe era lavadeira de roupas; meu pai, um pequeno agricultor, que, depois, se tornou jardineiro. Ele sempre dizia: “Eu não vou deixar herança nenhuma para vocês, o que eu posso deixar é cada um de vocês ter um canudo, um diploma”.

Ainda muito jovem, eu percorria as ruas de Dourados vendendo frutas, picolés e salgados. Essa vivência me fez conhecer e amar, como um nativo, a cidade que adotou toda a minha família. Hoje Dourados me conhece pelos olhos, mas, nas décadas de 1960 e 1970, era o meu olhar quem registrava o crescimento da cidade.

Gosto pela leitura

Nós somos uma família enorme. Eu sou o do meio: tinham cinco acima de mim, e sete, abaixo. A gente não tinha muito tempo para viver nossa etapa, nem de criança, nem de adolescente. Tínhamos que trabalhar. Eu me lembro que, nas poucas horas vagas, eu ia ler, estudar.

Às vezes eu parava nos bares, nos botecos para ler o jornal, mesmo após vencido. Naquela época os jornais eram semanais. E ter um jornal de São Paulo em Dourados, somente dois, três dias depois. Assim, a gente acabava lendo as notícias passadas.

Eu sabia que, para vencer na vida, tinha de estudar muito. Então, eu ia para a biblioteca enquanto as outras crianças iam jogar bola. Particularmente, sempre fui muito ruim de bola. Eu era uma negação. Explicava para o pessoal que, em vez de jogar bola, eu tinha de estudar. E, assim, ninguém queria me escolher para os times formados na época.

Portanto, a leitura era o meu principal divertimento, ao lado das idas ao cinema em Dourados – meu irmão trabalhava dentro do cinema e a gente tinha gratuidade por isso. Tenho muito orgulho dessa história de menino. Ela se confunde com a história de Doura-

dos, com seus espaços públicos, com suas bibliotecas, seu antigo cinema, suas ruas e seu sentimento de progresso e desenvolvimento.

O sonho de ser médico

Ainda garoto, quando eu saía para vender picolé, engraxar sapato ou vender frutas e salgados nas portas dos consultórios, dizia a todos que ia ser médico. Alguns não acreditavam, até faziam piadas: “Como que o filho de uma família pobre, que mora no bairro mais distante do centro da cidade, vai ser médico, se não tem onde cair morto?” – diziam. E eu falava: “Eu vou ser”!

Eu estudava no “Colégio Presidente Vargas” e muitos professores acreditavam no meu potencial, doavam-me livros, materiais escolares e até uniformes. Tive também o incentivo de muitas pessoas que se aproximavam de mim porque achavam que eu era um garoto prodígio.

Anos depois, já rapaz, trabalhei no jornal “O Progresso”, onde aprendi o ofício de gráfico. Em seguida, fui para Campo Grande trabalhar em gráficas de lá; fiz um cursinho pré-vestibular; estive um período em Brasília, e acabei sendo aprovado no vestibular de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Aprovação no vestibular

Essa foi a maior vitória da minha vida. Lembro-me que eu tinha um recurso muito pequeno para escrever um telegrama para a família, eu não podia fazer um telegrama comprido. Então, lembrei-me de uma frase de Júlio César, ao entrar em Roma, e coloquei três palavras: “Vim, venci, passei”. No final da década de 1970, o telefonema era muito caro, tinha que marcar horário. Mas o telegrama chegou e minha família toda, em Dourados, comemorou efusivamente, com muita alegria, o fato de eu ter passado no vestibular.

Militância estudantil

Vivi a época da reconquista da democracia no país. Participei do movimento estudantil como membro do Centro Acadêmico “Doze de Maio”, do curso de Medicina, da Universidade Federal do Ceará. Ajudei a reconstruir o Diretório Central do Estudante (DCE) e, naquele processo, adquiri consciência política.

Ao viver a realidade do Nordeste brasileiro, entendi que era preciso ter, ao lado da Medicina, uma atividade política. Por isso, desde que retornei a Dourados, em 1982, já formado, ingressei na política e tento fazer dela um instrumento de melhoria das condições de vida da nossa gente.

Vida pública

A realidade que eu presenciava lá no Nordeste e minha origem fizeram com que eu tivesse precocemente consciência política. Eu entendia que, por meio da política, poderia melhorar a vida das pessoas. E é isso que faço, ao longo dos meus mandatos, como vereador, deputado estadual, deputado federal e como secretário de saúde, que fui por duas vezes.

Tenho empatia muito grande com o próximo, sempre me coloco no lugar das pessoas, e, às vezes, sou muito insistente, até duro, na cobrança, porque as pessoas precisam de ser atendidas como se fossem de nossas famílias. E, na verdade, somos uma família.

Paixão por Dourados

Sempre fui um apaixonado por Dourados. Foi a cidade que me proporcionou todas as conquistas e ser tudo o que sou hoje. Por isso, como médico, homem público e pai de família procuro devolver a Dourados o carinho com que fui acolhido. Em cada canto dessa cidade tem uma ação minha: em obras de saúde, de saneamento,

pavimentação, construção e revitalização de escolas; assim como na área de segurança pública, assistência social.

Ao longo de meus mandatos anteriores, viabilizei, por exemplo, a construção de um moderníssimo hospital para atender mulheres e crianças; a pavimentação asfáltica de mais de 80 bairros; a Vila Olímpica Indígena; a reconstrução da Escola Presidente Vargas; a implantação da Clínica da Mulher, UPA e SAMU.

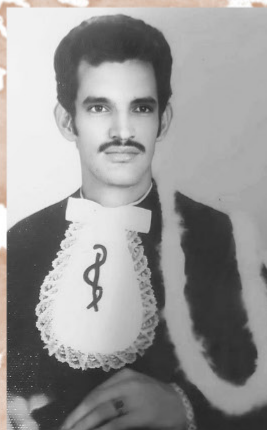
Fico feliz em poder falar da luta vitoriosa pela implantação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e de conquistas mais recentes, como a da Casa da Mulher Brasileira, a de revitalização do aeroporto, a da construção de uma moderna Unidade Básica de Saúde na Aldeia Bororó, para ficar em alguns exemplos. Todo esse trabalho faz Dourados projetar-se para um futuro, ainda mais glorioso, no sentido de ser, em poucos anos, a metrópole que sempre sonhamos.



A chegada em Dourados Geraldo Resende, seus pais e onze irmãos



Geraldo Resende ainda menino em Dourados e depois já na militância estudantil



Geraldo acadêmico de Medicina e anos depois, já na vida pública



Primeiro mandato como Vereador de Dourados - 1993.



Turma de Médicos 1982,1

50 Anos de Formatura Fort-Ce 2002

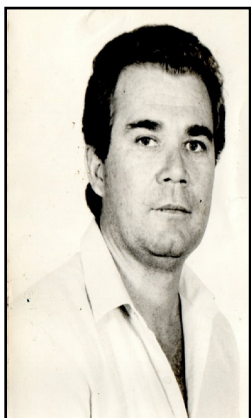
Geraldo realiza o sonho de se formar médico na Universidade Federal do Ceará



Sexto mandato como Deputado Federal - 2023.



Geraldo Resende ladeado pela esposa Luciana e pela Filha Bárbara. Na frente, os filhos Tomás e Sofia



Professor Idenor Machado

“Minha História em Dourados”

Nasci no dia 13 de março de 1950, em Ribeirão dos Índios (SP), cidade que fica a pouco mais de 400 Km de Dourados. Quando eu vim ao mundo, Ribeirão dos Índios era, administrativamente, distrito, mas, há vinte e oito anos, emancipou-se de sua cidade-mãe, Santo Anastácio. No decorrer de minha história, de uma forma ou de outra, Ribeirão dos Índios se conectou com Dourados e foi determinante para a história da educação e da política da cidade cinzelante.

Minha mãe era costureira e meu pai era barbeiro e posso garantir que eles faziam de tudo para que seus nove filhos estivessem na escola, um ensinamento que, sem dúvida, tomei para a vida como educador e administrador.

Na minha época, o percurso formativo dos alunos tinha outros nomes e, em resumo, fiz o Ensino Fundamental em Ribeirão dos Índios. Para cursar o Ensino Médio, eu e meus irmãos nos deslocamos para estudar em Santo Anastácio, no Colégio Estadual e Escola Normal de Santo Anastácio (CENESA), hoje conhecido por Colégio Oswaldo Ranazzi. Por esse colégio também passou o conterrâneo Tetila, ex-prefeito de Dourados. Inclusive, me lembro bem de que o pai dele era o inspetor de alunos da escola, bastante exigente.

Então, em 1970, me formei professor para o ensino de 1^a a 4^a sé-

ries, e o sonho era vir para o sul de Mato Grosso, onde meus avós, Henrique Souza Machado e Maria Rita Machado, já moravam na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), no distrito de Panambi, e falavam bastante do crescimento da região, da terra de oportunidades. Sem perder tempo, no ano seguinte, exatamente em janeiro de 1971, aos vinte anos, vim para essa região, que hoje faz parte do estado de Mato Grosso do Sul.

Ao chegar por estas bandas, dr. Milton José de Paula, da Delegacia de Ensino, designou-me para ser diretor de escola no Panambi, naquela época chamávamos a unidade escolar de Escolas Reunidas de Panambi; pouco tempo depois de aceitar a empreitada, fui desafiado a instalar uma extensão da Escola Presidente Vargas no Panambi, para o que chamávamos de “ginásio”. Extensão solicitada pelo então deputado Rubens Figueiró.

A mão de obra em educação era escassa e, por isso, foi necessário ir até Santo Anastácio buscar doze jovens, professores e professoras, interessados na missão, incluindo minha irmã Isabel Machado. Então, vieram comigo: Teresa Carvalho, Júlio Defendi, Ivanda Molina, Ângelo Alves de Oliveira, João Alves de Oliveira, Ângelo Alves (Alemão), Claudinet Fernandes, Dalila Lasmar, Valdenir Machado, Lazaro Gomes, Sonia Queiroz, Maria de Lourdes Mendes e outros.

Em uma escola com apenas quatro salas, começamos a trabalhar, em turnos alternados, o Ensino de 1º Grau e o Ensino de 2º Grau (hoje denominados, respectivamente, de Ensino Fundamental e Ensino Médio). Nós nos dividíamos para garantir a educação para as crianças que estavam na zona rural; na época, foi preciso alugar salas no entorno da escola para comportar toda a turma que queria aprender, eram cerca de mil e duzentos alunos.

Naquele tempo a CAND estava pulsando, então, reivindicamos um novo colégio ao Totó Câmara (prefeito) e ao governador José Fragelli; felizmente, nosso pedido foi atendido. Na inauguração do colégio, aproveitei para me dirigir ao Secretário de Educação, Sr.

Lothemberg Nunes Rocha, e, na condição de diretor, pedi a ele que pudéssemos também ser uma escola de 2º Grau, o que significava a possibilidade de sermos uma escola que também poderia formar novas levas de professores.

Revolucionamos o ensino por aquelas bandas, fizemos do Panambi o primeiro distrito com o ensino para professores do então Mato Grosso; a dedicação dos mestres, nos anos 70, muitas vezes envolvia não apenas o ensino em si, mas também um comprometimento com a transformação social e com o desenvolvimento humano.

Em 1972, casei-me com Laís Aparecida Cardoso, minha companheira de vida, que passou a levar o “Machado” não só no nome, mas também me apoiando na labuta diária. Em 1975, nasceu meu primeiro filho, Alessandro René Machado, e, em 1979, nasceu minha filha, Lizziane Thaís Machado; o nascimento deles foi como um combustível para que eu me dedicasse ainda mais à educação das crianças da região; um tempo depois, meus filhos me consagram avô do Antônio e da Maia.

Em 1977, nos mudamos para Dourados, momento em que passei a lecionar e a dirigir o Colégio Oswaldo Cruz, onde muitos profissionais sonhavam em ministrar aulas; isso, porque o colégio era referência em ensino de qualidade. Em 1980, concomitante ao trabalho desenvolvido no Oswaldo Cruz, colaborei na administração da Escola Estadual Armando da Silva Carmelo.

Nasce o MS, a organização escolar do novo estado e o Piso do Magistério

Em 1977, pouco antes da lei que deu origem ao Mato Grosso do Sul, tive a felicidade de receber convite do delegado Teotônio Alves de Almeida para trabalhar na Agência Regional de Educação, a qual atendia a demandas de Dourados, Maracaju, Rio Brillhante, Caarapó, Juti, Naviraí e Nova Alvorada do Sul. Fizemos um traba-

lho muito minucioso para organizar os quadros do funcionalismo público em educação, uma vez que a lei de divisão do estado afirmava que todo servidor que estivesse atuando até 31 de dezembro daquele ano passaria a figurar na condição de servidor estável.

Em razão da enorme pressão sofrida pela gestão em educação, com greves e reivindicações salariais, Leonardo Nunes da Cunha resolveu sair do comando da educação estadual e me indicou para assumir o posto; então, em setembro de 1983, tornei-me Secretário de Estado de Educação. Nesta função, certamente, o primeiro desafio, e um dos grandes legados da época, foi instituir, no governo do estado, o piso salarial do magistério, o que apaziguou os ânimos para a gestão educacional.

Ao lado de Teotônio, andei quase mil quilômetros de Fusca até chegar a Cuiabá, o esforço era para trazer a documentação relativa ao Mato Grosso do Sul, pois foi preciso documentar e organizar tudo que estávamos fazendo pela educação do estado, que acabara de nascer; a responsabilidade era muito grande.

Outro legado de minha gestão como Secretário de Estado de Educação foi trazer escolas para o município de Dourados, como a Escola Municipal Maria da Rosa Antunes da Silveira Câmara, “Rosa Câmara”, a Escola Ramona Pedrozo; assim como dar uma sede para a Escola Estadual Pastor Daniel Berg que, até então, funcionava em um prédio alugado.

Exerci a função de Secretário de Estado de Educação até 1987, já com Ramez Tebet no Governo e, em outubro do mesmo ano, assumi a presidência do Conselho Estadual de Educação.

A vitória de Braz Melo, os CEU's e os 13 mil futuros

Em janeiro de 1989, Braz Melo assume, pela primeira vez, a cadeira de prefeito de Dourados, e o respeito pela bagagem profissional adquirida por mim, até ali, levou Braz a me convidar para ser Secretário Municipal de Educação.

Na época, Marcelo Miranda era governador de MS e, em Dourados, tínhamos treze mil crianças fora da sala de aula, segundo levantamento da Federação dos Professores de Mato Grosso do Sul (FEPROSUL¹).

Diante do grande número de crianças fora da sala de aula e, em razão da lei que determinou a responsabilidade dos municípios para com o Ensino Fundamental, observamos os impactos das medidas positivas implementadas por Leonel Brizola, no Rio de Janeiro, por meio dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP's). Assim, criamos, em Dourados, os Centros de Educação Unificada (CEU's).

Em 1993, participei ativamente da implementação do Plano Decenal de Educação, uma iniciativa de reordenamento da gestão educacional que conferiu à escola a importância estratégica e fundamental no combate ao analfabetismo a partir da reconstrução do sistema nacional de Educação Básica.

Os CEU's foram construídos com estrutura suficiente e adaptada para alunos da pré-escola até o último ano do Ensino Fundamental. Apesar da construção em pré-moldado, uma forma mais rápida e segura de resolver o déficit de vagas, as estruturas perduram até hoje, alguns foram ampliados e melhorados; outros dispõem da edificação inicial.

Com Braz fizemos dez CEU's nas áreas periféricas de Dourados, formando um arco, um trabalho incrível, mantido e ampliado pelo prefeito Humberto Teixeira, eleito para o comando de Dourados de 1993 a 1996. Durante a gestão de Humberto Teixeira, um outro feito transformou a história da educação infantil em Dourados.

Outro momento muito importante para a educação municipal foi o relativo ao RECRIANÇA, projeto coordenado pela Primeira Dama, Anete Silva Melo, que também representava a pastas da assistência social por meio do "Pró-Social". No RECRIANÇA eram ofertados acompanhamento escolar, aula de reforço e aula de artes.

¹Atual Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul (FETEMS).

Nosso investimento e dedicação à educação escolar infantil foi tão grande que o Benedito Cantelli (Benê Cantelli), dono de uma escola particular muito famosa à época, viu a melhoria do ensino e passou a gratificar com bolsas de estudo os melhores alunos.

Ainda quanto à educação, vale acrescentar que o então deputado federal Waldir Guerra, muito influente no governo de Fernando Collor, colaborou e muito com a viabilização do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), em Dourados. Além dele, o Prefeito Humberto Teixeira foi importante líder em todo o processo. Lembro-me de que a luta foi grande para que o CAIC fosse construído aqui, pois muitos queriam a unidade na cidade de Miranda. Acompanhado de Waldir Guerra, encontrei-me com o então Ministro da Educação Carlos Chiarelli, por duas vezes, para justificar a necessidade de Dourados ser a escolhida.

A implementação dos CAIC's em todo o Brasil foi o resultado de um programa em que escolas eram construídas com recursos federais, em terreno doado pelos municípios; após a construção, as unidades eram entregues às prefeituras. Foi uma conquista fantástica para a cidade, faz parte da minha história em Dourados.

Nesse período em que trabalhei nas gestões Braz e Humberto em Dourados, o compromisso foi garantir a qualidade de vida das pessoas, principalmente das crianças, com foco na educação infantil, pois é com boa referência e cuidado que a criança desenvolve habilidades sociais, coopera no seu dia a dia e desenvolve empatia.

Por fim, mas não menos importante, semeei uma colaboração com a sociedade, na medida em que atuei, ao lado de Braz, na construção da sede da Pestalozzi Dourados, instituição que, em todo o Brasil, promove educação de alta qualidade para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos especiais.

Minha história em Dourados evoca lembranças do passado e, de uma forma muito especial, me deixa muito contente, posto que, mais do que meros relatos, projetos como este tornam-se veículos para transmitir sabedoria e conhecimento sobre aquelas e aqueles

que construíram a história de nossa cidade e impactaram na vida de milhares de famílias.

Em setembro de 2010, durante a maior crise política da história de Dourados, eu era vereador da cidade e o Prefeito/Interventor, dr. Eduardo Machado Rocha, que à época era juiz de direito, me convidou para ser Secretário de Educação durante a intervenção. Aceitei a empreitada, mas, ao final da intervenção, voltei para a câmara e assumi a presidência da Câmara de Vereadores por seis anos.

Fui vereador por dez anos, presidi a Câmara de Vereadores e me uni também às lutas pela melhoria das carreiras dos trabalhadores em educação, pela participação dos pais e mestres no processo de organização da educação, pela vida dos alunos em contexto rural e por tantas outras pautas que travei.

Parafraseando Sêneca, um importante filósofo: “Feliz é o homem que pode fazer os outros melhores, não apenas quando ele está em sua companhia, mas mesmo quando ele está em seus pensamentos!”. Fazer parte da construção do arranjo educacional de Dourados me deixou a certeza de que, sendo professor, gestor e político, fiz o meu melhor para a educação da cidade cintilante.



Idenor exercendo a Presidência da Câmara

Idenor com técnicos do MEC, Lori Alice Gressler (Vice Prefeita), Moisés Souza Gama (Representante da Secretaria Estadual de Educação), Prof. José Pereira Lins (*In memoriam*)



Idenor, Braz Melo (prefeito) e Anete Melo na inauguração do Céu

HOMENAGEM AOS MESTRES

Prof. Angelo Alves de Oliveira

Prof. Erno Koller (In memoriam)

Prof. Felix Garcia Torrente

Prof. Roberto Padim

Prof. José Mazarim

Prof. Vera Lúcia Mazarim

Prof. Doracy Moraes dos Santos

Prof. Maria Alice de Miranda

Prof. Isabel Cristaldo

Prof. Nadir Brasileiro

Prof. Carolina Teixeira

E muitas (as) outras (as)...



JANDIRA GORETE SANTOS

**“Dourados: cidade onde costuro
minha história de sucesso”**

A história da Gorethy lingerie começa em Caarapó, a 45 km de Dourados, onde Jandira Gorete, após finalizar sua graduação e descobrir seu talento para vendas, dá início a sua própria marca. De revendedora, passa a fabricante, e, em 2004, inaugura sua indústria em Dourados: a Gorethy Moda Íntima. Nessa entrevista, a empresária conta como foi essa trajetória, os desafios que enfrentou e os incentivos que recebeu em sua caminhada. Mais do que tudo, reconhece que a posição ocupada por Dourados foi um dos fatores primordiais para que ela pudesse crescer e se posicionar num mercado competitivo e inovador.

Fio da meada: empreendedorismo

Minha história com o empreendedorismo começa com minha decisão de mudar minha realidade e meu futuro. É impressionante o que uma pessoa determinada a mudar é capaz de fazer. O fato de eu não ter uma profissão, estudo, qualificação me incomodava muito. E, nas tentativas de buscar emprego, as respostas eram sempre negativas, pois eu ainda não tinha trabalhado fora de casa. Mas nunca tive preguiça de trabalhar. Se o comércio e outros seto-

res não me queriam, eu ia fazendo diárias em casas de família e ia me movimentando. Em determinado dia, tomei uma séria decisão: precisava mudar o rumo da minha vida. Eu necessitaria de muita coragem e força para erguer a cabeça e não retroceder, pois sabia que a única pessoa capaz de mudar minha vida seria eu mesma.

Posso afirmar que, além de descobrir meus pontos fortes, pude entender o quanto Deus pode fazer por meio de nós, apesar de nossas fraquezas. Escolhi agir com coragem e, apesar de toda circunstância, o resultado foi maravilhoso.

Após essa decisão, fiz um curso supletivo em seis meses; na sequência, Magistério, e, em mais quatro anos, faculdade de Letras no então Centro Universitário de Dourados (CEUD). Assim, saí de uma condição de alguém com quase nada de estudo para uma pessoa com ensino superior completo... quanto amadurecimento vivi nesses anos! Essa opção me levou a outra: eu precisava de uma fonte de renda para bancar os custos educacionais, e assim pensei: “O que fazer?”. Como eu estudava com muitas meninas, decidi vender lingerie. Fui até a uma fábrica em Caarapó, cidade onde morava, e acertei com a proprietária a condição de revendedora, mediante uma comissão de vinte e cinco por cento. As vendas foram um sucesso – com a comissão recebida, eu pagava os custos com apostilas, alimentação e ônibus e ainda poupava uma parte para o meu futuro.

Gostei tanto de efetuar vendas que decidi ampliar minha carteira de clientes. Eu saía de Caarapó, no primeiro ônibus, às 5h30, que trazia estudantes para Dourados, e ia vender. Aonde tivesse mulher, lá estava eu oferecendo os produtos. Vendia em postos de saúde, cooperativas, no serviço das amigas da faculdade e também de porta em porta. Com isso conquistei muitos clientes em Dourados e meus sonhos e projetos iam tomando forma.

O cansaço era grande! Essa rotina de sair às 5h30 e retornar para casa, por volta da meia noite, após as aulas, aconteciam de duas a três vezes na semana. Mas eu consegui me organizar, fa-

zendo minhas vendas, estudando, cuidando da casa e da família. Quero ressaltar aqui minha gratidão aos meus sogros que, na época, cuidavam das minhas filhas para que eu pudesse ir ao encontro dos meus objetivos.

Quase na metade do curso de Letras, tive a certeza de que não tinha vocação para o Magistério. Porém, sabia da importância e da necessidade de uma formação superior. Por isso não desisti e concluí meu curso no final de 1996. Ainda na faculdade, pude ver que havia um mercado para roupas íntimas, pois as pessoas me pediam opções que eu não tinha para oferecer, e, no meu coração, nasceu o desejo de ter minha própria fábrica. Com a conclusão do curso, dei início ao meu novo projeto e desafio: a Gorethy Moda Íntima. Com minhas economias comprei duas máquinas de costura usadas, uma overloque semi-industrial e uma máquina caseira com pedal. Contratei, no início, duas pessoas que já trabalhavam com confecção, decisão que me ajudou no começo dessa jornada. Eu fazia a modelagem, cortava e vendia as peças, pois vender era meu talento.

No início de 1997 abri a minha confecção em Caarapó, num pequenino salão de bairro, sem ter conhecimento e habilidades necessárias. Sabia, contudo, que, para um negócio dar certo, seria preciso buscar conhecimentos. Fui então atrás das informações necessárias. Conheci o Sebrae e o Senai, que ajudaram muito na minha trajetória. Onde soubesse de um curso, lá estava eu.

Vi minha empresa prosperar, minhas vendas aumentarem, e, em 1998, mudei-me para um salão maior, já no centro da cidade. Movimentar-me era minha estratégia: participava de feiras, exposições, de tudo, a fim de divulgar meu produto e empresa. Novos clientes iam aparecendo e, com isso, ganhos e aprendizagens também... lembro-me de um cliente que apareceu como um presente, comprava uma quantidade expressiva, me dando ótimos lucros. As compras eram pagas por meio de cheques pré-datados; e um certo dia os cheques pararam de ser compensados pelo banco... só não quebrei naquele momento porque não tinha dívidas, eu comprava

sempre à vista.

Por trás de uma tempestade tem sempre uma oportunidade. Uma amiga que morava em Dourados me convidou para sermos sócias em uma loja: minha primeira loja em Dourados. O empreendimento ia muito bem. Contudo, depois de seis meses, minha amiga e sócia me trouxe a notícia de que seu marido, bancário, tinha sido transferido para o estado do Mato Grosso e que a parte dela precisaria ser vendida para mim. Mas eu não tinha dinheiro para comprar. Daí a gente faz o quê? Negociamos. Paguei uma parte em mercadorias para ela vender lá na sua nova cidade, e o restante fui pagando, de modo parcelado, aos poucos. A escolha por empreender deve estar associada a um propósito bem maior, pois os desafios são muitos e intensos.

Mudança para Dourados

Com a loja em Dourados e as vendas indo muito bem, veio outro grande desafio na minha vida: meu casamento de dezoito anos, que nunca fora bom, chegou ao fim. Com a separação, meu ex-marido ficou com a casa e eu fiquei com a minha pequena fábrica e um carro usado, bem velho. Naquele momento, eu me mudei para Dourados com minhas filhas. Aluguei um apartamento aqui, mas continuei com a fábrica em Caarapó, pegando a estrada diariamente. Esse trajeto durou quatro anos, até eu conseguir organizar uma vinda definitiva.

Com minha mudança para Dourados, ajudei a fundar o Sindicato das Empresas do Vestuário Industrial da Região Sul de Mato Grosso do Sul (o Sinvesul), o que fortaleceria nosso setor e nos ajudaria a buscar apoio na Secretaria de Indústria e Comércio do município, no Sebrae e no Senai.

O que poderia ter sido o fim do meu negócio, na verdade, foi a superação de um obstáculo e o início de uma avenida de oportunidades. Agora, a mudança da fábrica para Dourados se iniciava e com ela novos desafios: aqui não havia mão de obra e nem a cultura de confecção; além disso, de certa forma, estava eu começando

tudo de novo.

Em abril de 2004, após os quatro anos fazendo o percurso Dourados-Caarapó, Caarapó-Dourados, diariamente, acontecia a inauguração da fábrica da Gorethy na cidade de Dourados. Para que essa mudança pudesse acontecer, contei, naquele momento, com o apoio da prefeitura da cidade, que, além de me encorajar, me deu grande suporte para que isso ocorresse. Nesse recomeço bastante difícil, contei também com o Senai para a capacitação de costureiras; conforme novas pessoas vinham trabalhar com a Gorethy, íamos capacitando, treinando, e dia após dia era uma vitória diferente.

Em 2011 inicia-se nossa produção de roupas fitness, que veio a somar-se ao nosso portfólio de produtos, sempre mantendo o compromisso com a qualidade e beleza nas peças, utilizando matérias primas dos melhores fornecedores do país. Na verdade, em todos os nossos produtos temos o compromisso de encantar os olhos dos clientes com beleza e conforto, sobretudo, oferecendo uma peça confiável, que fazemos questão de entregar, com respeito e responsabilidade, a cada um que escolhe nossa marca. Não vendemos lingerie ou fitness, vendemos autoestima. Entregamos um produto maravilhoso para as pessoas se sentirem bem, confiantes e felizes.

Atualmente, nossa marca está presente em todo o Mato Grosso do Sul, com lojas em Dourados, Campo Grande, Naviraí e Ponta Porã. Temos também uma representante em Sinop (Mato Grosso), além de uma loja virtual, também com bons resultados.

Mulher Empreendedora

Em 2005 ganhei o “Prêmio Sebrae Mulher Empreendedora”, o que representou o reconhecimento do meu trabalho e a valorização da minha história de lutas. Nem preciso dizer que isso me fez transbordar de alegria por ver uma recompensa por tudo o que tinha passado até então.

O prêmio do Sebrae incluía uma viagem para a Suíça durante

dez dias. Foi um sonho, porque, aliado ao passeio turístico, participei de um congresso mundial de empreendedorismo, realizado numa parceria entre o Sebrae e a Associação de Mulheres de Negócios (BPW), com a presença de mais de setenta países. Levei minhas peças, participei de exposições e troquei experiências. Essa premiação ajudou-me a divulgar melhor os negócios da Gorethy, levando nossa marca a ultrapassar as fronteiras de Dourados, a virar moda no estado e a atrair consumidores até fora do país.

O reconhecimento que veio do Sebrae me faz refletir e agradecer às pessoas que estiveram ao meu lado, ajudando-me com as responsabilidades da empresa, contribuindo para o desenvolvimento da Gorethy, e a tantas outras que confiam em nossos produtos e fazem com eles uma renda extra para suas famílias, trabalhando e construindo conosco nosso sucesso.

A pandemia e as vendas

A pandemia da Covid-19 foi um acontecimento muito ruim e marcante para toda a humanidade e exigiu de muitas empresas um reposicionamento no mercado. Quem soube enxugar os custos e se adequar à nova realidade, saiu-se até melhor do que no começo daquela tragédia. Por causa da pandemia tivemos que reorganizar o quadro de colaboradores e também enxugar custos e despesas. Essa decisão foi muito importante para manter a empresa aberta. Tínhamos uma equipe grande e fomos obrigados a reduzir o quadro de colaboradores. Foi um choque, pois não sabíamos até quando ia durar aquela situação. Porém, como sempre, não desistimos. Felizmente, a pandemia passou e conseguimos contratar novas pessoas para seguirmos nossos projetos. Foi uma superação e um aprendizado significativo.

O potencial de Dourados

Dourados é uma cidade que atende a toda região sul de Mato Grosso do Sul. Seu potencial econômico e seu constante desenvolvimento são razões que atraem cada vez mais investimentos e novos moradores. A cidade dá acesso à região Sul e Sudeste do país, sen-

do referênciã; é também a segunda maior cidade do estado. Sempre foi uma cidade que deu suporte à minha vida, aqui eu trabalhei, estudei, fiz amigos, me formei e foi o lugar do reconhecimento do meu trabalho. Aqui colhi muitos bons frutos.

Quando a Gorethy lingerie se mudou para cá, as máquinas e tecidos e tudo o que a fábrica possuía coube numa Ford F-4000. Hoje, nossa fábrica possui prédio próprio, com dois mil metros quadrados, onde confeccionamos uma completa linha de lingerie e fitness. Trabalhamos com aproximadamente cento e doze colaboradores diretos e com centenas de revendedoras, que ajudam a levar nossos produtos para todos os estados do Brasil.

Por isso, sou muito grata por tudo o vivido nesta cidade, que me acolheu, me apoiou e onde pude colher os frutos do meu trabalho e esforço. Dourados foi um lugar que Deus preparou para mim, aqui tenho vivenciado muitos ganhos e aprendizados. Tenho a certeza de que crescerei ainda mais junto com esta próspera cidade, que tanto potencial tem a oferecer.



JOAQUIM SOARES

**“Dourados, terra que me trouxe
muitos amigos e oportunidades”**

Joaquim Soares nasceu em Caarapó, em 25 de novembro de 1964. Tem quatro filhos: Joaquim Soares Júnior, 39 anos; Pedro Soares, 36 anos; Bárbara, 17 anos e Bernardo Michel, 7 anos. A família veio para Dourados quando ele tinha cinco anos e foi morar no Jardim Água Boa. O garoto precisava ajudar no orçamento doméstico; então arrumou uma caixa de engraxate e foi para as ruas, à procura de clientes. Joaquim Soares encontrou, na área central da cidade, um ambiente propício para seu trabalho. Foi ali que conheceu figuras importantes da vida empresarial, social e política de então. Essa inserção possibilitou a ele galgar posições, que nunca havia imaginado, em entidades classistas, na política e no meio esportivo.

De Cristalina (município de Caarapó) para Dourados

Em 1969, minha família trabalhava na zona rural, em Cristalina, e resolveu migrar para Dourados. Cheguei aqui com cinco anos. Éramos uma família com vários irmãos e pouca experiência na cidade. Meu pai (na verdade, meu padrasto), seu Adelino, era um trabalhador rural; minha mãe, dona de casa. Ele foi trabalhar em

uma máquina de arroz, e minha mãe, como doméstica em residências.

Comecei a trabalhar muito pequeno para ajudar nas despesas de casa. A princípio, andando na rua, oferecendo meu serviço de engraxate. Depois, comecei a frequentar os hotéis, onde eu ia engraxar sapatos na boca da noite. Posteriormente me fixei no centro da cidade. E, graças a Deus, passei a desfrutar da amizade de pessoas do comércio e de outros segmentos que passaram também a ser meus clientes.

Nos primeiros anos em Dourados, atravessamos muitas dificuldades. Para se ter uma ideia, eu pus um sapato no pé, pela primeira vez, quando tinha uns catorze anos. Até então eu andava muito de chinelo. Lembro-me de que esperei cinco anos para comer um frango assado... Tinha um daqueles mostruários no centro da cidade, e eu fiquei durante muito tempo dizendo que um dia iria comprar um frango assado. No quinto ano, fui lá, comprei um frango e o comi sozinho.

Amizades que “lapidaram” a vida

Na época, a área central de Dourados era o ponto de encontro de muitas pessoas que iam discutir as novidades, falar sobre política, futebol e também fazer negócios, como venda de sementes, gado. Tinham pessoas que vinham de São Paulo e do Paraguai e negociavam no Bar Luchese, que ficava em frente ao antigo Cine Ouro Branco. Desde pequeno eu já era corintiano, então eu tinha uma inserção naquele grupo de pessoas que ia lá para discutir os resultados dos jogos, às segundas-feiras. Daí a pouco, além de engraxar sapatos, eu comecei a atuar também como corretor, porque as pessoas vinham me pedir alguma coisa, e, de repente, eu já estava fazendo aquelas correrias.

Então, nesse meio, tive a felicidade de conhecer pessoas que foram fundamentais na minha vida. Uma delas foi o Renê Miguel,

dono do cartório. Ele era corintiano, pessoa sensacional; aliás, acho que todo mundo que conheceu o seu Renê sente saudades. Naquele meio conheci também o Napoleão Francisco de Sousa, pessoa genial, que foi prefeito de Dourados. Conheci ainda, na época, o ex-deputado Roberto Razuk, fato que gerou uma grande amizade e uma convivência fantástica, que já dura tantos anos. Para se ter ideia, foi ele quem financiou a minha primeira cadeira de engraxate, o que deu início a uma convivência de mais de cinquenta anos.

Quando estava maiorzinho, passei a conviver com o deputado Ivo Cerzósimo. Eu fazia a limpeza dos calçados dele, engraxava e tal. Depois conheci o João Totó Câmara; eu ia à casa dele fazer esse tipo de serviço. Outro do qual não me esqueço é o Faé Bianchi, grande esportista, ubiratanense; aliás, eu virei o ubiratanense por causa dele. Lembro-me também do Aderbal Veloso, do José Saurro, o seu “Zé da Volks”. Deus me permitiu que, desde menino, eu tivesse boas amizades; e, sempre ouvindo os bons conselhos, fui moldando meu caráter e criando uma consciência para a vida. Sou grato a eles e às oportunidades que Dourados me deu, ao longo da vida.

Entre as pessoas que me ajudaram, assim como a outros garotos, na época, não me esqueço do “seu” Amaral, diretor do jornal “O Progresso”. Éramos um grupo de meninos que engraxava sapato no centro e só ia embora na sexta-feira, porque nossas casas eram longe. Então, ficávamos ali durante a semana e, às vezes, dormíamos debaixo de uma árvore. De vez em quando, o seu Amaral nos chamava para um cantinho que tinha no jornal e nós dormíamos ali.

O ingresso na política

Quando o Razuk entrou na política, eu morava na região do Jardim Flórida e fui convidado a fazer campanhas eleitorais para ele. Fiz duas. Depois o Razuk deu um tempo na política, e então

ajudei também o deputado Zé Teixeira, por duas vezes. Nesse período conheci e fui amigo do Humberto Teixeira, pessoa de coração maravilhoso, que fez o bem para muita gente aqui em Dourados. Era muito religioso, temente a Deus, pessoa que deixou muita coisa boa na periferia.

Também trabalhando na área central da cidade, travei conhecimento com o ex-prefeito Brás Melo, com o ex-prefeito Luiz Antônio. Engraxei o sapato desses prefeitos todos. A verdade é que houve muitas pessoas que passaram na minha vida, nas quais eu me espelhei. Isso porque fui ver uma foto de meu pai somente quando eu já tinha trinta e oito anos; não tive a felicidade e o prazer de conviver com ele. Assim, os amigos preencheram essa lacuna.

O convite para ingressar na política foi feito por dois amigos da época: o ex-vereador João Derli e o advogado Harrison Figueiredo. Eu não me imaginava nesse meio, mas aceitei o convite. Saí candidato a vereador pelo PDT. Fiz minha campanha a pé, não tinha nem uma bicicleta. Fiz 534 votos e até eu mesmo me surpreendi com o resultado. O João Derli foi eleito e eu fiquei como suplente.

Depois atuei na campanha do Roberto Razuk, e, paralelamente, ampliei meu leque eleitoral, tanto que, em 1996, saí novamente candidato e tive 2.240 votos, elegendo-me vereador. No final dessa legislatura, tornei-me presidente da Câmara, cargo que exerci por dois anos. Na campanha seguinte, perdi a reeleição. Nessa época eu tinha começado a me envolver com o futebol.

Paixão pelo Ubiratan

Em 1998 eu já era presidente do Ubiratan e, nesse ano, conquistamos o campeonato estadual. Na época em que assumi, o clube estava vindo de uma administração muito conturbada. Naquele momento, eu não tinha experiência no futebol, mas contei com a ajuda do Rômulo Vieira, um grande amigo. Tive também a ajuda do Amaury Vasconcelos, outro ubiratanense, e do Martinho Barros,

pessoa que muito me orientou e ajudou.

Até hoje faço parte da diretoria do Ubiratan. Fui bicampeão em 1999 e vice-campeão em 2000. Aí, paramos um período com o futebol, voltamos em 2013, fomos campeões da série B. Disputei quatro títulos, ganhei três e, em um, fiquei como vice. Já o Razuk foi o primeiro campeão da história de Dourados. Em 1990, ele conseguiu trazer o primeiro título para Dourados naquele jogo histórico contra o Naviraiense, conhecido como “A Batalha de Navirai”. Posteriormente trouxemos o Corinthians aqui, na Copa do Brasil. Jogamos aqui e em São Paulo, sendo esse um dos grandes feitos da história do esporte douradense.

Ao longo desses anos, as escolinhas do Ubiratan nunca pararam; demos também continuidade ao futebol amador. Aliás, penso que um dos fatores que mais contribuem com a sociedade são as escolinhas de futebol, porque um garoto que está numa escolinha tem a sua formação como homem, como ser humano. Aprende a ser disciplinado, a entender essa grande competição – a vida em sociedade. E a história do Ubiratan tem mais de nove, dez mil atletas que por ali passaram.

Nesse intervalo eu recebi convite e fui trabalhar na administração do Tetila. No último ano exerci o cargo de Secretário de Obras, o que me faz também sempre agradecido ao Tetila pela confiança. Quando a dona Adélia assumiu a Prefeitura, fui convidado para ser Secretário de Serviços Urbanos. Fiquei lá em torno de vinte e dois meses; depois fiquei, por três anos, no gabinete do deputado Neno Razuk. Na sequência, fui, por mais de um ano, chefe do Inmetro em Dourados.

Perspectivas para 2024

No começo da atual gestão, recebi convite do prefeito Alan Guedes e do deputado Vander Loubet, e, hoje, estou à frente da Secretaria de Agricultura Familiar, onde fazemos um trabalho voltado

às pequenas propriedades, às aldeias indígenas, aos quilombos e assentamentos. Penso que as perspectivas são boas. Vai nascer um novo momento a partir de 2024, com políticas públicas para a agricultura familiar. Estamos contribuindo, fazendo aquilo que está ao nosso alcance para que essas pessoas possam ter uma vida melhor.

No Ubiratan, as expectativas também são animadoras. Estamos conversando, fazendo estudos e a proposta é não deixar a história do clube morrer. Estamos fazendo um trabalho com todos os ubiratanenses para que possamos deixar essa história cada dia mais forte, cada dia mais viva. Não podemos nos esquecer do trabalho de pessoas, como o seu Décio Rosa Bastos, um dos presidentes do Ubiratan que fez o trabalho mais bonito na história do Clube. Assim como o Razuk, que também pegou o clube na massa falida e organizou, levou o time a ser bicampeão. Esse legado e esses feitos precisam ser lembrados e valorizados, tal como a própria história de Dourados, que, a meu ver, vai ser ainda mais grandiosa do que tem sido até aqui.



Exercendo o mandato de vereador em 1996



Ubiratan Esporte Clube, tricampeão Estadual retorna ao futebol profissional em 2013

Com a revista Exportiva

Ubiratan x Corinthians 1999
COPA DO BRASIL



Ubiratan Campeão em 1998

Ubiratan na final em 1999



UBIRATAN ESPORTE CLUBE
Campeão Sul-mato-grossense 1998

TÍTULOS: 2 campeonatos estaduais (1990 e 1998)

A CAMPANHA
J V E D GP GG
28 10 5 5 54 23
ARILHEIRO
Fialho, 19 gols

CAMPEONATO SUL-MATOGROSSENSE
FFMS • 1999

Em pé: Pereira, Andrade, Cláudio, Leopoldo, Edilson, Luciano, Elcio, Roberto e Júlio César. Agachados: Peixinho, Denis, Carlão, Marques, Marco Antônio, Ricardinho, Paulo César, Paulo e Marquinho Carlos



Laudir Munaretto

“Vir para Dourados foi a grande tacada da minha vida”

A chegada em Dourados

Nasci em Concórdia, Santa Catarina. Meu pai sempre foi um andante e, assim, chegamos em Eldorado, no ano de 1973. Lá, trabalhamos um tempo e ele conseguiu montar uma churrascaria; logo em seguida, montou uma filial em Itaquiraí.

Depois de breve retorno ao Paraná, veio parar em Dourados para trabalhar na churrascaria do “Posto da Base”, com o pessoal que hoje é proprietário da Churrascaria Guarujá. Era o ano de 1980. Eu tinha dezesseis anos, e estava morando em Itaquiraí, onde era auxiliar de escritório na Iagro (Agência Sanitária de Defesa Animal e Vegetal).

Quando meu pai chegou a Dourados, pediu que eu viesse ver o local onde ele trabalhava [na churrascaria] e disse que gostaria muito que nós viéssemos para cá. Eu tinha um serviço lá em Itaquiraí, que era muito bom, e já tinha terminado o segundo grau nessa época e poderia dar aula. Eu cuidava do escritório e ganhava bem. Falei: “Pai, mas eu vou para Eldorado, estou namorando com

a Lena, faz tempo, e quero me casar com ela”.

No entanto, acabei decidindo vir com a minha mãe. Arrumamos a mudança, fui lá, pedi para minha sogra, dona Raimunda, e ela me autorizou a trazer a filha para Dourados. Chegamos aqui e acabei morando na casa do meu pai, até 1983, quando nasceu o meu primeiro filho. Em 1984 eu me mudei para essa casa aqui, onde é o buffet, nesse escritório aqui.

Primeiros anos

O começo foi muito difícil. Dourados era uma cidade em crescimento, mas emprego para um jovem, quase não tinha. Na época meu pai trabalhava na Churrascaria do Posto da Base. Ele me convidou para trabalhar ali, mas eu fui buscar outras alternativas, porque o restaurante, naquele momento, não era a minha primeira opção. Mas acabou sendo lá que eu comecei: lavando e secando pratos e talheres, auxiliando na copa, depois no salão, como garçom; também trabalhei como churrasqueiro e, depois, como ajudante de cozinha.

Logo em seguida comecei a ter outros trabalhos como garçom, isso, por volta de 1986. Em 1987, saí do Posto da Base e comecei a trabalhar aqui na cidade, até porque o Orides vendeu o Posto da Base e comprou ali onde era a Churrascaria La Marjorie.

Fiquei, de 1981 até 1987, seis anos mais ou menos, trabalhando com eles, e, em outros locais, como garçom. Em 1987 trabalhei no Marrocos e também no Meg Chopp. De 1987 a 1988, quando o Marrocos fechou, eu estava empregado lá. Fiz o acerto e, com o dinheiro, comprei um telefone fixo. Só o direito de usar o telefone, não as ações. Eu ganhava em torno de dez salários mínimos, se fosse hoje daria cerca de quinze mil reais; então, o acerto deu uns cinquenta mil reais em valores de hoje. Foi o que eu paguei pelo aparelho de telefone na época.

De garçom a empresário

Terminou o ano de 1988, e, no início de 89, minha empresa se resumia em vinte e quatro copos de uísque, seis bandejas de garçom e o telefone. No final de 1989, dei a primeira nota fiscal, como empresa, da Laudir Festas. De lá pra cá, só crescemos. Hoje nós conseguimos atender praticamente cinco mil pessoas, sentadas. Na verdade, vir para Dourados foi a grande tacada da minha vida.

O ingresso na política

Meu ingresso na política se deu em 1988, quando, no Restaurante Marrocos, resolvemos fundar o Sindicato dos Garçons. Nós precisávamos de representatividade e o sindicato nasceu por isso, para fazer as confraternizações e a defesa da classe. Outro objetivo era lançar um nome para disputar uma eleição. Assim, fundamos o sindicato: Maguila foi o presidente; eu, o tesoureiro; o Rubinho, o primeiro secretário; o Chiquinho, o segundo secretário.

O sindicato resolveu escolher, dentro dos seus quadros, uma pessoa para ser candidato(a) e o escolhido fui eu – assumi a missão. Tive uma votação boa para a época, por ser a primeira e por não ter nenhum tipo de estrutura. Tive 287 votos e fiquei de suplente. Foi uma boa experiência.

Naquele momento, eu estava no grupo político do Humberto Teixeira (ex-prefeito falecido) e fui candidato pelo PRN (Partido da Reconstrução Nacional). A partir daí, estruturei melhor o buffet, comecei a trabalhar melhor. Em 1996, falei: “Não vou ser candidato”. O sindicato queria que eu fosse, mas eu já estava atuando mais como patrão do que como sindicalizado. Eu disse: “Como vou representar o sindicato, se eu sou mais patrão do que empregado? Escolham outro”. Então escolheram o Maguila.

Na reta final da eleição, o Maguila desistiu e o sindicato ficou sem candidato. Em 2000, o buffet já estava bem estruturado e eu

continuava filiado ao PRN. Aí o Toninho Belarmino e o vereador João Derli (finado) vieram e me convidaram para entrar no PSB (Partido Socialista Brasileiro); pela insistência deles, acabei aceitando. Naquela eleição tive 603 votos e fiquei como primeiro suplente. No ano de 2004, o PSB se desestruturou de uma forma que nós não tínhamos nem chapa para disputar a eleição de vereador. Então, fui convidado a ingressar no PL, que estava com uma boa estrutura, e eu aceitei. Fui o mais votado do partido. Tive 1.589 votos; elegemos dois vereadores: eu e o Carlinhos Cantor.

A Operação Uragano

Em 2008 fui candidato à reeleição, dessa vez pelo PMDB. Tive votação expressiva, 2.013 votos, mas em uma chapa pesada. O PMDB só elegeu a Délia Razuk. Depois, assumi o mandato, quando a Délia virou prefeita. Participei daquele momento trágico da cassação de diversos vereadores. Fui ou relator, ou presidente de quase todas as comissões, porque eu era o único vereador que não era parte interessada, pois tinha sido suplente da Délia Razuk.

Depois daquela operação, eu falei: “Olha, quer saber de uma coisa? Eu vou sair fora do meio político”. E me afastei. Assim, em 2012, não fui candidato. Resolvi focar na minha empresa, nos negócios. Desfilei-me do MDB; fiquei sem partido nenhum, e, no ano de 2020, entreguei a empresa pros meninos [os filhos] tocarem.

O retorno à política

Certo dia, em 2020, toca o telefone. Era o Alfredo Barbara [jornalista]: “Ô, está chegando um rapaz aí na sua casa, com uma ficha para você se filiar”. Então, o ex-prefeito Brás Melo chegou com a ficha do PMDB e falou: “Tem que ser agora, porque se for amanhã você já não vai ter a vaga. Não vai ter como registrar a candidatura”. Assinei. Filiei-me novamente ao PMDB.

A princípio eu não era candidato. Eu queria administração, eu queria fazer gestão, porque eu gosto de gestão. Aí, certo dia, o Renato Câmara [deputado] chegou lá na casa do Brás e falou assim: “Eu não sou mais candidato. A gente vai apoiar o Barbosinha e nós temos um time de vereadores que vai para a reeleição e nós queremos que você seja candidato”. Eu falei: “Não tenho mais idade para perder eleição. Vou ser candidato para ganhar. Uma dessas vagas vai ser minha, pode escrever”. E foi o que aconteceu, fiz 1.329 votos, mesmo numa campanha difícil, como foi a da pandemia. Hoje, me perguntam se vou ser candidato novamente. Eu digo que esse é um pensamento, vou ver como ficam as conjunturas políticas.



Foto com o amigo Maguila, amigo de longa data, na foto eles estavam na primeira festa da associação de garçons, que os mesmos fundaram



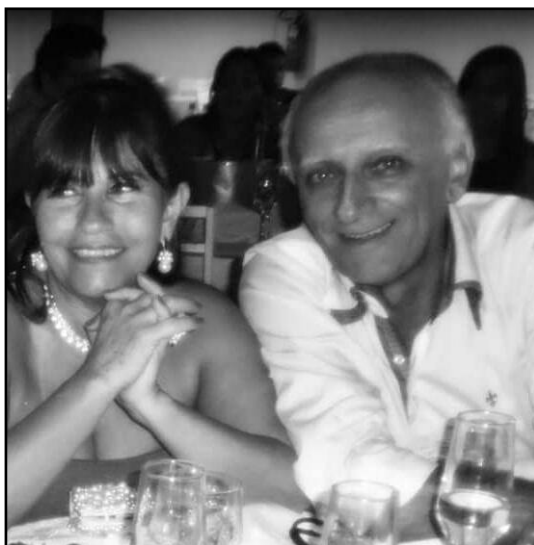
Lena e Laudir em 1983 com o filho mais velho do casal Diego, que nesse dia completava um ano de vida



Laudir exercendo a vereança



Laudir com a família



Lurdinha de Mattos

“Dourados, terra natal que amo de paixão”

Meu nome é Maria de Lourdes Santos da Silva. Nasci em Dourados, no dia 23 de janeiro de 1954, no local onde hoje é o Grilo's Restaurante. Ali, na época, era a rua Rio Grande do Sul, atual avenida Weimar Gonçalves Torres. Por parte de meu pai sou da família Cavaleiro Teixeira; por parte de minha mãe sou da família Mattos. Meu pai chama-se Ales Cavaleiro dos Santos; minha mãe, Pérsia Matos dos Santos. Quando solteira, meu nome era Maria de Lourdes Mattos dos Santos.

Infância e juventude

Minha infância foi praticamente vivida na fazenda: papai e mamãe só iam para a cidade quando tinham de comprar algo para a família ou quando do nascimento de um filho. Eles permaneciam na cidade apenas o tempo necessário; depois retornavam, muitas das vezes, já com o bebê no colo. No momento em que tivemos de ir para a escola, eu e meus dois irmãos fomos matriculados no mesmo ano. Quer dizer, papai nos levou para estudarmos na mes-

ma época, isso, por uns quatro anos; mamãe nos cuidava enquanto papai permanecia na fazenda. Passados esses anos, ficamos sob os cuidados dos tios, fiquei com a Tia Nohemia e o Tio Almeida, e dividíamos o quarto com meus primos queridos: Zilda Marques de Almeida, Helena Marques de Almeida e Júlio Marques de Almeida, na casa dos tios. Quero aqui dizer da tamanha gratidão que tenho por todos! Nunca a gente se desentendia ou se portava em relação ao outro com grosseria. Era perfeita a união entre primos e tios!

Estudei, primeiramente, na Escola Abigail Borralho. Tinha apenas seis anos de idade. Depois fui para a Escola Imaculada Conceição, que, nessa época, era ao lado da Igreja Matriz de Dourados. Do segundo ano em diante, fomos, eu e meus irmãos, para a Escola Erasmo Braga, que era mais próxima da nossa casa. Depois, estudei na Escola Estadual Presidente Vargas; e o Ensino Médio eu fiz na Escola Estadual Ministro João Paulo Reis Veloso. Em 1986, concluí o curso de Direito na Unigran, e, finalmente, a pós-graduação, à distância, em serviços cartorários no Núcleo da Unigran.

Quando criança, uma de minhas principais atrações eram as comemorações do Natal: a Missa do Galo e a fonte luminosa da praça Antônio João, local onde os pais, rodeados pelos seus filhos, travavam um bom papo com os amigos. Naquela época, tínhamos o cinema “Cine Ouro Verde”, que oferecia apenas duas sessões; a última terminava perto das 22 h, horário em que eram desligados os motores que geravam a energia elétrica para toda a cidade. Para o lazer, havia também o Clube Social, com suas festas maravilhosas e mulheres elegantíssimas! Eu adorava olhar os looks! Sem falar nos clubes Nipônico e Indaiá, onde aconteceram belos carnavais! Quem presenciou tudo isso sabe do que estou falando!

Aos treze anos de idade eu dei aula de reforço, por um ano, para as crianças dos vizinhos de casa. Por um curto tempo trabalhei na livraria dos Irmãos Maristas; trabalhei também para o Sr. Aparício Paixão, um despachante, e, finalmente, por indicação da minha querida prima Helena Marques de Almeida Trincizak, trabalhei no

Cartório do 4º Ofício por quarenta e dois anos. Fui auxiliar, escrevente e tabeliã substituta por trinta e sete anos. A partir de 2008, assumi interinamente o cartório, após o falecimento do meu chefe, René Miguel, uma pessoa fantástica, maravilhosa e que acrescentou muito na nossa vida. Assumi interinamente porque era a substituta mais antiga. Assim fiquei, até 2012, quando tive de entregar o cargo a determinada moça, que veio do Recife, para assumir o cartório. Então pensei: “E agora, o que a Maria de Lourdes vai fazer?”. Eu, com outra colega de trabalho, Leila Regina Fagundes da Silva, e minha filha, Tatiana Azambuja, montamos uma intermediação de cartório. Então passamos a oferecer a intermediação dos serviços, somos despachantes cartorários.

O “bailinho” que deu casamento

Conheci o meu esposo, Duclacy Alves da Silva, em nossa fazenda. Minha família costumava, no final do ano, fazer um bailinho; num desses, ele veio, e ali iniciamos o namoro, no ano de 1969. Nós nos casamos, precisamente em 30 de dezembro 1971. Vamos completar cinquenta e dois anos de casados neste final de ano. Dessa união nasceram dois filhos: o Alessandro Santos da Silva Azambuja e a Tatiana Santos da Silva Azambuja. O Alessandro, nascido no dia 1º de agosto de 1975, é formado em tecnologia em agronomia; é assessor de desenvolvimento de cooperativismo na cooperativa de crédito Sicredi; é casado com Hilda Rabelo Balbino Azambuja, formada em Estética e Cosmetologia, Diretora Comercial na empresa Laser Fast. Desse encontro nasceram dois filhos: Marco Antônio Rabelo Balbino Azambuja, músico, e Maria Valentina Rabelo Azambuja, estudante. A Tatiana, que veio ao mundo no dia 27 de julho de 1977, é Bacharel em Direito e minha sócia na empresa Soluções Cartorárias. Foi casada com Carlos Eduardo da Silveira, com quem teve três filhos: Isabella Azambuja da Silveira, advogada; João Victor Azambuja da Silveira, cursando Direito e Isadora Azambuja da

Silveira, cursando Psicologia. Meus filhos, netos e nora... a maior razão do meu viver!

Família Mattos e a história de Dourados

Como falar da minha história em Dourados sem falar da minha família (por parte de minha mãe), a Família Mattos? Eles vieram para esta região, antes mesmo de Dourados ser criada oficialmente. Faziam parte dos que tinham ficado lá no Rio Grande do Sul, precisamente em São Luís Gonzaga. Uma das causas foi a Revolução Federalista. Eles trabalhavam com a criação de gado e, com a Revolução, ficaram prejudicados financeiramente e suas terras muito desgastadas, deixando-os empobrecidos.

Nessa época, já sabiam, por meio de outras pessoas, que o estado de Mato Grosso possuía terras muito ricas e férteis. Por isso eles debandaram, vieram para cá e se deram muito bem, graças a Deus, participando ativamente do crescimento da região. Logo na chegada, os Mattos requereram a posse de áreas rurais, tais como as propriedades denominadas Café, Antolin e São José do Desterro, na qual ainda permaneço em parte da área que foi do meu bisavô, adquirida por ele em 1901.

A Família Mattos teve intensa participação social e política no então Patrimônio de Dourados, tendo um de seus membros alçado ao cargo de primeiro prefeito de Ponta Porã, na época, sede do município. Na sequência participou efetivamente da criação do Distrito de Paz de Dourados em 1914, instalado em 1915, e da emancipação política em 1935.

Em relação à família do meu pai, meu bisavô, José Cavalheiro dos Santos, e sua esposa, Vitalina Viana Cavalheiro, resolveram buscar novo lugar que geraria melhor conforto para os seus familiares. Vieram, em 1911, de São Luiz Gonzaga, no noroeste gaúcho, também para o Mato Grosso, via Argentina e Paraguai. Adentrando no Brasil, se estabeleceram no município de Ponta Porã, região

da Cabeceira do Apa, com dez filhos; entre eles meu avô, Alcides Cavalheiro dos Santos, que, logo na chegada à região do Patrimônio de Dourados, fixou residência na Fazenda Boqueirão, acompanhado de seus quarenta netos.

Paixão aos 15 anos: meu pai

Um fato interessante: no final da Guerra Mundial, meu pai, com quinze anos de idade, pediu o consentimento de sua mãe para que pudesse se apresentar no quartel de Bela Vista (Mato Grosso) como voluntário, vez que os quartéis estavam desfalcados de soldados em virtude da Guerra e ele queria ficar à disposição para a defesa da pátria. Na longa viagem para se apresentar ao Exército, teve de dormir nas fazendas do trajeto; foi então que conheceu minha mãe! Como ela era uma moça muito linda, meu pai se apaixonou! E, na primeira oportunidade, disse a ela: “Quando eu voltar, me caso com você”. Isso se concretizou e aqui estou, um dos frutos desse amor! Eu sou a caçula, nasci em 1954. Tenho mais três irmãos. Éramos quatro, eu sou a mais nova. A mais velha era a doutora Maria Terezinha Cavalheiro Aguilera, uma advogada criminalista muito forte, e que me faz muita falta! Nós a perdemos para o câncer. Tenho mais dois irmãos: Peri Matos dos Santos, com 73 anos. Ele fez Engenharia Química em Ribeirão Preto-SP. O outro chama-se Fernando Matos dos Santos, com 72 anos; esse é mais atirado, como se diz, ele é um verdadeiro boêmio.

Crescendo com Dourados

Meu amor por Dourados é tão grande! Nasci, cresci e tive opções de sair daqui, mas escolhi ficar e me sinto muito feliz! Minha terra natal! Amo de paixão! Aqui, quero, a cada dia, me tornar melhor como pessoa e por isso participo de um movimento que procura unir a sociedade douradense, deixando de lado as diferenças

políticas, partidárias e ideológicas, com a finalidade de trazer avanços. Um dos frutos é o projeto do Hospital de Amor para tratamento das mulheres com câncer de colo de útero e de mama.

Atualmente participo, com muita satisfação, das seguintes entidades: Associação das Mulheres da Carreira Jurídica; Associação das Mulheres Empresárias (BPW); Associação de Apoiadores do Hospital de Amor de Dourados; e da Associação da Família Mattos (AMATTOS) – sou presidente pela terceira vez. O objetivo é continuar contribuindo, dentro de nossas possibilidades, na tomada de decisões que resultem em projetos voltados à melhoria das condições de vida dos que aqui vivem, e dos que ainda virão: os futuros douradenses natos, ou os imigrantes, que tão bem acolhemos.



Meu casamento, esposo Duclacy Azambuja



Com meus pais Ales Cavalheiro dos Santos e Pêrsia Mattos dos Santos e meu esposo



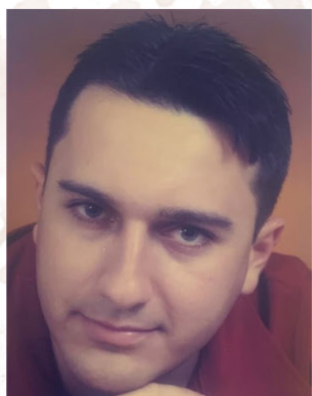
Continuação do casamento na fazenda Mutuca



Lurdinha com a mãe e primas durante encontro da Família Mattos e ao fundo o ex prefeito de Ponta Porã Hélio



Minha filha Tatiana Santos da Silva Azambuja



Meu filho Alessandro Santos da Silva Azambuja



Comemoração 50 anos de casada



Com ex-Governador Wilson Martins, no 17 ° Encontro Regional Centro-Oeste em 2006



Durante encontro da Família Mattos, meu esposo, meu filho e minha nora



Dr. Nelio Shigueru Kurimori

Meus avós paternos, Sr. Toyomatsu Kurimori e Sr.^a Haru Kurimori, chegaram ao Brasil, acompanhados de seus cinco filhos, no dia 2 de junho de 1933, provenientes do Japão, no navio Montevideo Maru. Desembarcaram no Porto de Santos, uma das principais portas de entrada para os imigrantes japoneses no país. Papai, Nobuo Kurimori, veio da cidade de Wakimoto Shi (cidade) de Akitaken (estado), com doze anos de idade, e mamãe, Shige Okazaki, veio de Osaka, com 8 anos de idade, com seus pais Tetsuji Okazaki e Shimo Okazaki e 4 irmãos.

A família Toyomatsu Kurimori e Haru Kurimori, ao chegar ao Brasil, foi conduzida para a Casa das Imigrações, em São Paulo, e, em seguida, acomodada na área rural, em Batatais. Posteriormente, foi para a região da Alta Mogiana, mais exatamente para a Fazenda Pedra Branca, acomodando-se também em outras localidades rurais, estabelecendo-se principalmente para trabalhar nas plantações de arroz, café, cana de açúcar e milho.

Meus pais se conheceram na região da Alta Mogiana. Quando completaram a maioridade, casaram-se sob a tradição omiai, ou

seja, por indicação das famílias, assim aconteceu também com seu irmão Chuichi Kurimori e Shizuko Kurimori.

Felizmente, herdamos uma cultura sólida e forte, o que nos proporcionou uma trajetória de vida edificante, sempre atenta aos valores da nossa cultura e sempre respeitando os princípios ocidentais. Minha mãe, Sr.^a Ana Shige Okazaki Kurimori, era uma mulher dedicada aos filhos, e em todo o tempo apoiou o papai, realizando atividades diárias, tanto domésticas quanto profissionais. Papai, carinhosamente apelidado de “José” Nobuo Kurimori, trabalhava nas lavouras de arroz e praticava atletismo, sendo esportista, pintor de quadros e amante do karaokê.

Com o tempo, meu pai e meu tio, Chuichi Kurimori, que morava na Fazenda Cana Brava, conseguiram cultivar, com pás, enxadas e enxadões, como contava papai, uma área de brejo (apelidado de varjão) para o plantio de arroz. Seu Chiquinho Marçal, dono da fazenda, reconheceu a dedicação com a terra e doou a colheita do arroz para o meu pai, o que ajudou muito a história da economia da minha família. Assim, meu pai, junto com meu tio Chuichi, adquiriram uma máquina para beneficiar arroz, comprada do Sr. Kazuto Yatsuda, na cidade de Igarapava.

Dentro de casa, minha mãe nos dizia que precisávamos estudar, porque o nosso futuro e o de nossas famílias se daria por meio do estudo, tanto é que todos nós, os quatro irmãos – Newton, Nelson, Nélio e Neusa –, formamo-nos médicos pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), conhecida hoje como Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Infelizmente, meu irmão mais velho, Nelson Kurimori, faleceu em 2015, após exercer a medicina com muita dedicação em Goiané-

sia, no estado de Goiás. Foi um cirurgião clínico geral ímpar. Quando estive para seu velório, naquela cidade, senti que a cidade chorou sua morte junto com minha família. Nelson conquistou muito respeito das pessoas em razão de sua trajetória como médico.

Newton Tiyoshi Kurimori radicou-se em Bragança Paulista, era um exímio cirurgião geral, que exerceu com maestria suas atividades profissionais, deixando um legado que acrescentou na sociedade bragantina. Já minha irmã mais nova, Neusa, tornou-se uma grande médica oftalmologista; uma senhora emancipada de intelecto e que é, sem dúvida, uma expoente dentro da medicina em São Carlos, onde reside desde 1981. No passado, ela entrou no Instituto Penido Burnier, hospital muito tradicional de Campinas, especializado em doenças dos olhos, onde tinha pouquíssimas mulheres residentes, mas ela surpreendeu e se firmou lá; hoje, minha irmã tem forte prestígio na cidade e segue colhendo os frutos de uma linda trajetória profissional.

O Nélio, sua trajetória e o mestre Odo Adão

Nasci no dia 1º de julho de 1952, no município de Igarapava (SP), mais exatamente na Fazenda Fundão, do finado Sr. Chiquinho Marçal e da Dona Lídia Marçal, numa casinha branca que existe até hoje. Como já antecipei, estudei medicina na mesma faculdade que meus irmãos, no entanto, cada um de nós escolheu uma área de atuação dentre milhares que a medicina pode nos proporcionar.

No terceiro ano da faculdade passei a acompanhar o serviço de ortopedia, eu era um jovem bastante forte, atributo indispensável para carregar as malas da ortopedia naquela época; diziam nos corredores que eu tinha “estrutura física”.

Dentre os grandes nomes com os quais tive o prazer de aprender estão Dr. Ídilio, Dr. Elbas, Dr. Álvaro Lopes (Ortopedista), Dr. Waldemar Vieira Junior – cirurgião plástico bucomaxilofacial –, e o profissional que considero meu mestre dos mestres: Dr. Odo Adão,

cirurgião plástico renomado, uma pessoa marcante na minha formação profissional e pessoal, um ícone da medicina mineira.

Em uma conversa de plantão, no Hospital São José, meus colegas, vendo minha trajetória entre a ortopedia, o trauma, a cirurgia plástica e a cirurgia bucomaxilofacial me disseram para seguir na área da cirurgia plástica, com ênfase na traumatologia facial. Naquele período, diziam: – “Nelinho”, você vai poder consertar desde a pele à estrutura óssea. Acho que a sugestão partiu dos amigos mais graduados que acreditavam em mim e no meu potencial de entregar um grande resultado para os pacientes que passassem por mim.

Ao final do curso de medicina, em 1978, fui morar e fazer residência médica em cirurgia oncológica no hospital Hélio Angotti, em Uberaba (MG). Morei no sétimo andar do hospital, referência no Brasil no que diz respeito ao tratamento de câncer. Lá, o Dr. Odo Adão, meu grande exemplo, comandava o serviço oncológico de cabeça e pescoço; tive a sorte de passar alguns anos aprendendo muito no Hospital Hélio Angotti, com a equipe do Dr. Odo Adão e do Dr. Délcio Scandiuzzi.

Dr. Odo Adão foi o primeiro aluno negro na história da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, um nome que superou inúmeros obstáculos e se transformou em uma referência da cirurgia plástica no Brasil e no mundo.

Seguindo o curso, eu e meu compadre, Dr. Luiz Humberto Toyoso Chaem, passamos três anos em São José do Rio Preto, no serviço de cirurgia estética e reconstrutora, conduzido pelo Dr. Melchiades Cardoso de Oliveira, um profissional altamente reconhecido pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Ainda em São José do Rio Preto, estivemos sob orientação do Dr. Valdemar Mano Sanches, Dr. Antonio Roberto Bozola, Dr. Osvaldo Miura (mestre da microcirurgia e cirurgias reconstrutivas), Dr. Sidney D’Andrea e Dr. Eli-seu Sicoli, Cirurgião Dentista Traumatologista Bucomaxilofacial.

A chegada em Mato Grosso do Sul

Em 1983, acompanhado pelo Dr. Bozola, viemos conhecer Campo Grande, e eu queria aproveitar a viagem para também rever alguns amigos de formatura: Dr. Ronaldo, Dra. Fátima e Dr. Geraldo, todos residiam em Dourados.

No retorno para São José do Rio Preto, já em Nova Alvorada do Sul, pedi dinheiro emprestado ao Dr. Bozola e disse que iria ao encontro dos meus amigos; entrei em uma “jardineira” e consegui chegar a Dourados, onde eu não conhecia absolutamente nada, mas pensei comigo que o melhor lugar para procurar meus amigos médicos, Dr. Ronaldo, Dra. Fátima e Dr. Geraldo, seria em um hospital.

Um taxista me levou até o hospital Santa Rita, ali conheci a Sra. Salete Forgiarini, ouvidora do hospital até os dias atuais; ela me conduziu ao encontro do Dr. Ronaldo, que ficou surpreso e bastante animado ao me ver. Mostrou-me a cidade e enfatizou que em Dourados havia dezessete agências bancárias; também observou que “onde tem banco tem dinheiro”. Demos uma volta no Portal e na região do colégio Imaculada; percebi que não havia muita coisa ainda, mas o Dr. Ronaldo disse que era uma janela de oportunidades.

Voltei para São José do Rio Preto e convidei o Dr. Chaem para vir conhecer Dourados. Na época eu estava solteiro, no auge dos meus trinta e um anos. Dr. Chaem concordou, e nós viemos para cá, no Ford Maverick V8, andamos muito e conseguimos chegar aqui. Dr. Chaem não ficou muito tempo na cidade; eu, contudo, percebia que Dourados seria um polo de serviços médicos onde haveria muita oportunidade de trabalho, até porque a capital do estado era distante. Naquela época eu tinha certeza de que o curso de medicina ainda chegaria a Dourados.

No início de 1984, instalei-me em Dourados. Em 1986, eu já estava trabalhando em todos os hospitais da cidade, principalmente

no hospital Evangélico, onde conheci Márcia Toshiko Natsumeda, a nutricionista, nascida em 23 de julho de 1962, que, em 4 de julho de 1987, tornou-se minha esposa. Nós tivemos quatro filhos: a Helena Yuri Kurimori, o Kleber Tetsuo Kurimori, a Erika Tiemi Kurimori e, para nossa doce surpresa, depois de um intervalo generoso de tempo (treze anos), tivemos a sorte de conceber nossa filha, Luciana Yukie Kurimori.

Helena se formou médica Oftalmologista, especialista em retina pela Santa Casa São Paulo; Kleber é especialista em Cirurgia Plástica, doutor em cirurgias Crânio- maxilo- facial; é casado com a Dr.^a Lais Braga, especialista em Ginecologia obstetrícia e Uroginecologia. Ambos são formados, graduados pela USP/SP. Minha filha Erika é Ortodontista, formada pelo Centrinho Bauru (Unesp); a caçula, Luciana, é atualmente acadêmica de Fonoaudiologia na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Mamãe sempre dizia: – O diploma ninguém tira, estudar é importante. Assim, importa lembrar que, antes de trilharem seus rumos, meus filhos estudaram na Escola Modelo de Língua Japonesa, de Dourados – um espaço que conserva a tradição e a nossa cultura –, à qual rendo grandes homenagens e agradecimentos. Resguardando a tradição pelo estudo, eles foram estudar em São Paulo para cursar o Ensino Fundamental e Médio, com muito comprometimento e responsabilidade, e, depois, todos ingressaram em suas faculdades.

Quando as coisas acontecem para o bem, este bem é geral, então, quando vi Dourados crescer, vi também que, com a cidade, evoluía, por exemplo, a comunicação, por meio dos jornais, como o Jornal “O Progresso” (na época Enfoque), a agricultura, a veterinária, a engenharia e tantas outras atividades profissionais.

Minha história em Dourados foi marcada por uma visão de futuro, por meio da qual eu tinha certeza, mesmo sendo muito jovem, de que o trabalho e a oportunidade estavam aqui, e é ele, o trabalho, quem edifica o homem, o dinheiro é uma consequência; o que

realmente vale são as boas marcas que deixamos, como os milhares de pacientes que passaram e passam por mim, vindos de todas as regiões do Mato Grosso do Sul. Muitos deles, douradenses, cada um com uma história. Dourados é um ótimo lugar para se viver e construir um futuro. Toda a evolução positiva da cidade reflete a fundamental importância que tem a região para o engrandecimento da nação brasileira.



Dr. Nelio e seus irmãos



Dr. Nelio e amigos no interior de São Paulo



Casamento de Dr. Nelio e Márcia, a festa contou com a presença do Dr. Odo Adão



Dr. Nelio na casa onde nasceu, na Fazenda Fundão Igarapava Estado São Paulo

Dr. Nelio e família no casamento do filho Dr. Kleber Kurimori



Dr. Nelio, a esposa Márcia e os filhos Kleber, Luciana, Erika e Helena





Roberto Razuk

Nasci no dia 7 de março de 1941, na cidade de Campo Grande, mas a primeira curiosidade sobre mim é que em meu registro consta que nasci no dia 26 de março. Acho que meu avô foi ao cartório para me registrar, alguns dias depois do nascimento, e, com medo da multa que poderia existir pelo “atraso” no registro civil, afirmou ao cartório que eu havia nascido naquele mesmo dia.

Morei em Campo Grande até meus 11 anos. Iniciei o curso primário no Externato São José e completei na Escola Dom Bosco, onde comecei o ginásio. De lá, fui estudar no Instituto Americano de Lins-SP, mas fugi e voltei a Campo Grande. Na Escola Dom Bosco terminei o ginásio e iniciei o científico, que jamais conclui. Para ingressar na Faculdade de Engenharia em Barra do Piraí-RJ, através do vestibular, fiz supletivo (na época, chamava-se “madureza”) em Niterói-RJ.

Roberto Piloto, caminhoneiro e resistente

Roberto Piloto, caminhoneiro e resistente

Os estudos formais ficaram de lado. Quando completei dezoito anos, fui para Marília, ainda em São Paulo, para fazer o curso de piloto; depois disso passei a trabalhar para o Dr. Renê Neder, dono da “Gleba Angélica”.

Nessa época a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND)

proporcionou enorme crescimento para a região, a partir de Dourados. Na fazenda de Renê Neder, ele e um sócio árabe abriram vários lotes, de onde nasceu o município de Angélica. O primeiro prefeito de Angélica foi um grande amigo de Renê Neder, o Sr. Ediberto Celestino de Oliveira; lembro-me até hoje do dia em que vi Ediberto em um trator que fazia a abertura do primeiro lote e da primeira rua da cidade.

Cansei-me de trabalhar como piloto e resolvi comprar, com meu irmão, um caminhão. Nele, eu transportava gasolina para a Texaco, abastecíamos Dourados, Fátima do Sul (Vila Brasil). Mas, naquele tempo, ser caminhoneiro era muito sofrido, uma viagem de Campo Grande a Cuiabá, por exemplo, levava de dez a doze dias, então, foi melhor deixar aquilo e voltar a estudar. Fui para o Rio de Janeiro e, em Niterói, fiz o Madureza, nome que se dava, na época, ao ensino de jovens adultos, hoje chamado de EJA.

Passei no vestibular para o curso de engenharia em uma faculdade que ficava em Barra do Piraí/RJ, mas meus estudos foram drasticamente interrompidos, em 1968, em razão da ditadura militar e de seu AI-5.

Fui preso no quarto ano da faculdade. Em um primeiro momento, fui prisioneiro no Batalhão da Polícia do Exército que fica na Tijuca, depois fui transferido para Ilha Grande, onde centenas de estudantes também eram prisioneiros. Foram três intermináveis anos de minha vida; depois que saí de lá, não foi possível retomar os estudos por, pelo menos, cinco anos, em razão do que previa o AI-5.

Em 1972 voltei para estas bandas, mas não era possível ficar em Campo Grande, a repressão seguia – toda vez que eu conversava com alguém na rua, eu era interpelado por algum membro da ditadura. Daí, resolvi ir para Ponta Porã, onde tinha muitos parentes. Trabalhei como croupier em um cassino; um tempo depois me tornei gerente no mesmo local.

Em Ponta Porã, conheci minha esposa Délia, devo dizer que,

em um primeiro momento, o pai de Délia não quis autorizar nosso casamento, mas eu fui em busca dela; levei-a para longe e disse a todos que ninguém nos impediria de ficar juntos, convencidos de minhas intenções, em 1973, nos casamos.

Eu ainda seguia sob os olhos da repressão e fui avisado de que não poderia trabalhar em casas noturnas. Então tivemos de ir para Campo Grande, no entanto, lá a situação estava bem difícil, e, para buscar algumas possibilidades, nos mudamos para Rondônia, onde ficamos por quase dois anos. Depois da extinção da pena, retornamos a Campo Grande, mas não ficamos muito, pois as portas estavam fechadas por lá. Por intermédio de alguns amigos, Délia, eu e as crianças viemos para Dourados, no dia 26 de março de 1976. Aqui, o falecido prefeito João da Câmara, também conhecido por Totó, foi um grande braço amigo.

O potencial político de Roberto Razuk

Foi com minha participação na comunidade que me juntei à campanha de meu primo, Gandi Jamil, eleito deputado estadual de Mato Grosso do Sul para a legislatura de 1983 a 1987. Em Dourados, eu e meu grupo político fizemos algo impressionante: angariamos mais de três mil votos para Gandi, o que para a época era um número muito significativo.

A eleição de Jamil provocou algumas reflexões, tanto para mim quanto para meu grande amigo, Dr. George Takimoto, e, como consequência, em 1986, fui um dos braços de apoio à candidatura de Marcelo Miranda ao governo de Mato Grosso do Sul, com Takimoto como vice. Uma das condições impostas por Takimoto para que ele entrasse na política era a de que eu também fosse candidato, e todos logramos êxito nas empreitadas eleitorais.

Dentre os legados que atravessam a história da minha participação política no estado, estão meus mandatos de deputado estadual, que se perfizeram entre os anos de 1987 a 1994, e me deram a

possibilidade de ser um legislador constituinte. Assim, como Presidente da Comissão de Sistematização da Constituição do Estado de Mato Grosso do Sul de 1989, reafirmamos, nas Disposições Gerais, a Instituição de Ensino Superior com sede em Dourados e garantimos a ampla participação popular nas cento e vinte e nove audiências públicas realizadas para ouvir as pessoas.

Tenho orgulho em dizer que fui peça fundamental na construção da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), cujo projeto foi gestado na elaboração da Constituição Estadual, da qual o saudoso deputado Ricardo Bacha era o Relator Geral. O então deputado estadual, Walter Carneiro, ao fazer a revisão do texto, inseriu na carta a obrigação de o Governo do Estado implantar a sede da UEMS em Dourados.

O governador da época, meu saudoso amigo Pedro Pedrossian, tinha sido o político responsável pela criação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e, em determinada encontro que tivemos, me perguntou sobre o porquê de se criar mais uma instituição de ensino superior. Eu, para lhe responder, disse-lhe que ele poderia se tornar o único governador do país a implantar três universidades, o que acabou acontecendo.

No dia seguinte a esse encontro, muito cedo, Maurício Vanderlei, que pertencia ao quadro efetivo de docentes da UFMS e que, posteriormente, foi conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE), ligou-me para avisar que Dourados ganharia sua universidade e que eu precisaria chegar à governadoria o quanto antes. Chegando lá, Pedrossian, engenheiro de formação, já estava desenhando os croquis para a UEMS.

O Leão da Fronteira e a Natureza de Dourados

Apesar de Jorge ser o único dos meus filhos a nascer em Dourados, todos foram criados aqui na cidade. Eu, sinceramente, te-

nho este lugar como parte da minha história; por isso, passei a me envolver com trabalhos comunitários, buscando promover ações sociais que se aproximassem de uma Dourados digna para todos.

Em 1987, quando eu era deputado estadual, um novo desafio surgiu: presidir e recuperar a situação do Ubiratan Esporte Clube. O Leão da Fronteira estava quase falido, então, Alaor Marques, presidente da época, convidou-me para encarar o desafio, e lá fui eu. Uni-me a Décio Rosa Bastos e a Ilton Santos Sabala, juntos promovemos a recuperação do Ubiratan por meio da realização de sorteios e grandiosos bingos. Aliás, tamanha era a credibilidade dos bingos que, das poucas vezes que o estádio Douradão ficou lotado, foi para acompanhar e participar desses momentos.

Outro fato histórico foi a revelação de Antônio Carlos Zago, o Tonhão, pelo Ubiratan. Ele jogou como centroavante e foi artilheiro do campeonato estadual, depois foi para o São Paulo Futebol Clube e chegou à Seleção brasileira (como zagueiro), fato que engrandeceu a história do clube douradense. Na minha gestão o Ubiratan foi campeão estadual.

Além do futebol, outra paixão que eu trouxe para Dourados foi o carnaval, por intermédio da fundação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Natureza de Dourados, em 1989. Apesar da falta de apoio, foi um movimento expressivo na história da cidade, mas não o suficiente para despertar as pessoas para o carnaval de rua.

Vi Dourados crescer, acompanhei a cidade como empresário e parlamentar e também assisti à minha esposa, Délia Razuk, ser eleita prefeita (2017 a 2020), depois de ter sido vereadora por dois mandatos, como a mais votada, e de ter assumido a Prefeitura, interinamente, no momento mais difícil da história política de Dourados, em 2010. Também pude testemunhar meu filho, Neno, ser reeleito deputado estadual. Fico feliz em retribuir o carinho que a cidade sempre teve conosco, aqui eu me sinto bem e aqui quero morrer, Dourados é uma cidade incrível para criar filhos, netos e viver bem!



Reunião com a comunidade



Campanha eleitoral



Posse como Deputado Estadual



Campeão com o Ubiratan

Campeão com o Ubiratan no campo



Délia, Roberto, Flavia, Neno, Rafael e Jorge



Valdemir de Souza Messias (Pineca)

Urbanismo de qualidade: missão de uma família que faz a história de Dourados

Quando o repórter adentrou a residência da família de Valdemir de Souza Messias (Pineca), recepcionado por ele, pela esposa, Elaine, e pelo filho, Vitor, ficou bem clara a definição da Incorporadora São Bento, constante em seu site: “Uma estrutura corporativa familiar que transfere para os seus colaboradores e produtos valores como respeito pelo ser humano, trabalho duro e compromisso”.

Com menos de uma década sediada em Dourados, a família está enraizada no perfil urbanístico da cidade “com o objetivo comum de melhorar a vida de famílias por meio do urbanismo de qualidade”.

De fala mansa e precisa, Pineca (formado em Matemática, pós-graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e MBA em Ohio) conta como foi o início em Dourados; o filho, Victor Filipe de Souza Messias (quartanista de Direito e prolixidade espantosa), desenvolve os conceitos nos quais a família, e por extensão a empresa, estão alicerçados.

A esposa, Elaine Regina de Souza Messias (formada em direi-

to e, tal como o esposo, em Matemática), assegura a precisão dos princípios e conceitos que nortearam, desde a criação do nome (São Bento) até a incorporação de tendências urbanísticas, os empreendimentos da família.

Pineca nasceu em 10 de maio de 1974, em Naviraí, e o filho, Victor, no dia 12 de maio de 1994, em Dourados. Elaine também é douradense, nasceu aos 27 de setembro de 1977. Faz parte, ainda, da família a administradora de empresas, Beatriz Isabelle de Souza Messias, a “Bia”, nascida em Naviraí, aos 13 de março de 2000.

O início de tudo

Elaine: Elaine: Eu e o Pineca nos conhecemos em Naviraí, em 1992. Começamos a namorar e nos casamos depois de alguns anos. O Vítor nasceu logo em seguida, e fomos (eu e Pineca) fazer faculdade juntos. No começo eu não trabalhava fora de casa, depois passei a trabalhar. Em determinado momento, fui aprovada num concurso da Justiça para um cargo que exerci por quinze anos.

Pineca: Implantamos alguns loteamentos em Naviraí, Ivinhema, Caarapó e Itaquiraí. Uma pessoa me procurou, dizendo que tinha uma área em Dourados e me perguntou se eu teria interesse em fazer um empreendimento aqui. Falei: “Vamos olhar...”. A gente sempre quer olhar, ver, expandir, crescer, e, assim, viemos. Fizemos uma visita na área onde hoje é o Green Park, na saída para Naviraí. Em 2012 começamos a negociação da área e lançamos o empreendimento no final de 2013.

Depois do Green Park fomos negociando outras áreas e percebemos que Dourados era uma cidade pujante. Como gostamos de inovar e fazer coisas diferentes, entendemos que, se ficássemos só em Naviraí e nas cidades do entorno, não conseguiríamos realizar coisas de grande porte.

Vinda para Dourados

Pineca: Em 2015 lançamos o “Cidade Jardim”, localizado atrás do Clube Indaiá. Assim, a relação da empresa foi ficando muito próxima de Dourados. Fomos vendo que a cidade tinha muita demanda por bons produtos e achamos interessante, estratégico e benéfico para a empresa e para a família a mudança para cá, o que ocorreu em outubro de 2016. Foi quando a São Bento (e todo o corpo administrativo) veio para Dourados. A cidade nos recebeu muito bem, e hoje já temos oito empreendimentos aqui.

Qualidade de vida

Elaine: Mesmo que não saíamos do nosso roteiro de lazer, estamos sempre com os olhos abertos, prestando atenção num design, num jeito diferente de viver, até mesmo nas sensações que a gente experimenta. Então, ligamos esse radar de estar sempre prestando atenção nas sensações, naquilo que traz bem-estar, que traz qualidade de vida para incluir nos nossos projetos.

Victor: Há algum tempo, meus pais foram para o Japão com alguns casais de amigos e viram que lá tem a cultura do onsen, uma hidromassagem que, de um lado, é quente, e de outro, é gelada. Os japoneses usam essa troca de calor como algo terapêutico. Trouxemos essa ideia para o “Hectares” – uma inspiração, portanto, que vem de fora. Na minha lua de mel, fui com a esposa para a Áustria, num spa muito legal, no meio da montanha, com neve, e tudo de vidro. Se entrarmos nas piscinas cobertas e na sauna aqui do Hectares, encontraremos também tudo de vidro pra conectar o interior e o exterior. Assim, querendo ou não, o nosso dia a dia é voltado para buscar essas referências.

Elaine: Isso não é um trabalho, mais. É um jeito de viver, um

hobby. Então, qualquer lugar que a gente visite, por exemplo, um restaurante para comer uma comida diferente, até a apresentação do prato pode servir de inspiração para pensarmos sobre como podemos evoluir no jeito de viver. E não é um evoluir no jeito de viver para torná-lo elitizado, porque pequenos detalhes fazem diferença em todos os tipos de loteamento que temos interesse em executar. Desse modo, vamos trazendo isso para o nosso dia a dia de projeção dentro da empresa: “Como deixarmos um loteamento aberto com uma qualidade de vida melhor?” “Vamos ter parque?” “Vamos conseguir fazer um traçado de rua que atenda às expectativas de melhoria das condições de trafegabilidade?” Essas são demandas que vamos procurando incluir em nossos projetos.

Pineca: As pessoas sempre dizem que temos visão de urbanistas, somos muito ligados em Arquitetura, mas, na verdade, eu sou formado em Matemática. A Elaine também é formada em Matemática. Fizemos a faculdade juntos e depois ela fez faculdade de Direito.

Inspiração religiosa

Elaine: Quando o Pineca fundou a empresa, ele era só; desempenhava todas as funções – de venda, cobrança, serviço de banco, tudo. E, no momento de preparar a documentação, veio a pergunta: “Que nome daremos para a empresa?” Olhando para nossa vida – estamos juntos há trinta e um anos e a empresa tem dezoito –, sugeri o nome São Bento, porque a história de vida de São Bento é muito forte, em vista da decisão que ele tomou. O lema dele era o seguinte: “Ora e Labora”, quer dizer, “Reza e Trabalha”. Parecia que combinava com o nosso jeito de viver, o nosso jeito de olhar o mundo.

Pineca: Esse lema é mais ou menos assim: reze como se tudo

dependesse de Deus e trabalhe como se tudo dependesse de você.

Elaine: Então ele registrou a empresa no comecinho de abril, e, logo em seguida, houve o Sínodo da Igreja Católica, no qual o Papa que assumiu incorporou o nome Bento. Para nós foi como se fosse a confirmação de que tínhamos escolhido o nome certo.

Valorização da cidade

Pineca: Recentemente, nós nos juntamos à família Guerra e doamos um terreno para fazer o Hospital de Amor. É uma área nobríssima que tínhamos em conjunto, visando a empreendimentos futuros. Eles cederam a parte deles para o Hospital de Amor e nós, a nossa. Vamos fazer a urbanização e atender o hospital com infraestrutura de asfalto, energia, água, esgoto e paisagismo. Queremos levar nossa experiência para o hospital, porque a pessoa tem de chegar ao Hospital de Amor e passar por uma área verde e ver vida, ver cor, e ver flores. Assim, Dourados vai se transformar, se Deus quiser, em referência na oncologia, não apenas para Mato Grosso do Sul, mas também para os países que fazem parte do Mercosul.

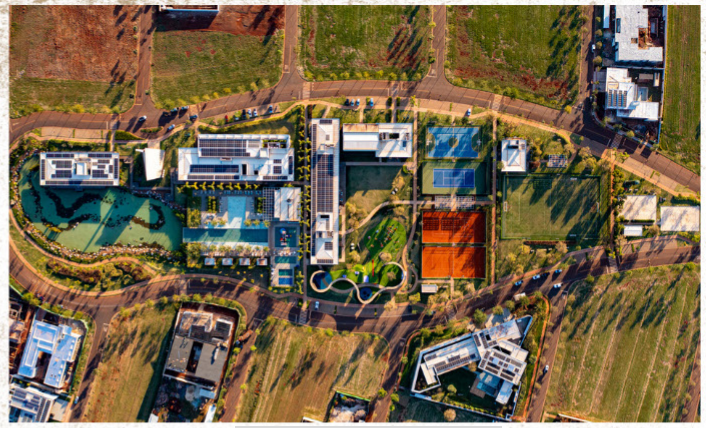
Victor: A São Bento está atenta com o objetivo de trazer para Dourados e outras cidades onde atua todas as inovações do mercado internacional. Meus pais gostam de viajar bastante e eu também, junto com minha esposa e as crianças. Estamos sempre procurando referências novas. Nas viagens de férias, temos os momentos de lazer, mas, se ficamos num hotel, prestamos atenção nas coisas que são feitas de um jeito diferente. Se vamos para fora do país, é a mesma coisa. Então, o tempo todo estamos nos inspirando para trazer para cá as tendências mais modernas e eficientes.

Pineca: Dourados é uma cidade relativamente nova, mas já ex-

perimentou desenvolvimento muito grande, e vai continuar tendo essa expansão. Sabemos que antigamente Dourados perdia muitos moradores para Campo Grande; hoje isso se inverteu. Há muitas pessoas de lá vindo morar aqui. Um grande termômetro é o Judiciário. Antes, tudo o que os juízes queriam era ser transferidos para Campo Grande. Hoje, eles chegam aqui e querem permanecer. Isso significa que a cidade está evoluindo, crescendo, oferecendo o que as pessoas buscam em qualidade de vida. As pessoas não veem mais Dourados, apenas, como uma passagem. Pelo contrário, elas querem se aposentar aqui, investem aqui, e nós vamos continuar ajudando nesse crescimento e fazendo parte desse processo de valorização da cidade.



Hectares Dourados



Hectares Dourados



Cidade Jardim (antes)



Cidade Jardim (depois)



Fachada Incorporadora São Bento

Foto família





VALDIR DA SILVA MACHADO

Valdir da Silva Machado

Vim ao mundo por intermédio de minha mãe, Generosa da Silva Machado, no dia 15 de abril de 1965; na época, meu registro civil foi consumado no “Vale da Esperança”, como carinhosamente chamamos o município de Caarapó. Cheguei a Dourados quando tinha menos de dois anos de idade e, por isso, me considero um douradense, praticamente, nato; outra curiosidade que cabe dizer logo de imediato é que sou torcedor orgulhoso da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Acredito que eu nasci numa porção muito próxima da cidade de Dourados, isso porque meu pai, Francisco da Costa Machado, trabalhava, naquela época, em uma fazenda entre Caarapó e Dourados e talvez tenha sido mais fácil me registrar lá. Cresci em Dourados, quando a avenida Marcelino Pires não era toda asfaltada; estudei na Escola Municipal Joaquim Murtinho e na Escola Estadual Antônia da Silveira Capilé.

Minha família era muito humilde, e ver tudo o que construí me orgulha, porque a caminhada para chegar até aqui não foi fácil – fui engraxate, fiz limpeza de chão, fui vendedor de loja de material de construção, investi muito no esporte, passei por importantes veícu-

los locais de comunicação, ganhei prestígio e respeito na cidade de Dourados.

Apesar de os políticos da cidade não serem, necessariamente, o que Dourados precisava ao longo de sua linda história, ela se desenvolveu com a força do empresariado, seja no comércio, seja na agricultura e pecuária.

Diário MS, Rádio Clube, Copa Kaiser e Equipe Boa de Bola

A minha história em Dourados se confunde com a paixão pelo esporte amador, uma paixão que vai além dos campos e das competições. Posso afirmar, com convicção, que o futebol amador alimentou histórias fascinantes em nossa cidade; além disso, rivalidades, como a da eterna disputa entre Dourados e Campo Grande; viradas emocionantes e façanhas mais improváveis.

Para organizar o pensamento e também lembrar pedaços da história de Dourados nestes seus 88 anos, lembro-me de quando comecei a trabalhar no Diário MS. Poucos sabem, mas o Diário MS já foi Diário do Povo, que, por sua vez, nasceu a partir da fusão de três semanários: Panfleto, O Zangão e Jornal do Vale.

Eu era diretor comercial no Diário MS e também me aventurava em uma coluna esportiva semanal, fui aprendendo na prática a lidar com pessoas, a mostrar a importância do investimento em publicidade e, ao mesmo tempo, apoiava o futebol amador de Dourados.

Uma memória importante para mim e para história de Dourados é a das edições da Copa Kaiser, campeonato que reunia as principais equipes de Mato Grosso do Sul; disputa em que, sem dúvida, o nível técnico e disciplinar era maior do que o do campeonato estadual de futebol.

Fui coordenador da Copa Kaiser por cinco anos e essa experiência foi muito importante, na medida em que conheci muita gente, aprendi a liderar competições esportivas e deixei, junto com muitas

outras pessoas, um legado para a história da nossa cidade.

A Copa Kaiser possuía etapas locais e, nos finais de ano, a grande disputa ficava na edição da Copa Kaiser estadual. A maior rivalidade ficava sempre a cargo de Dourados x Campo Grande e pode parecer clubismo, mas Dourados sempre mostrou superioridade em relação aos times da capital.

Na atualidade me causa certa tristeza ver, diminuído em Dourados, o cenário de futebol amador; lembro-me de que os jogos da Copa Kaiser mobilizavam centenas de pessoas, de todas as idades, e ascendia o pertencimento naqueles e naquelas que torciam pelos times de suas cidades.

O tempo passou e toda essa experiência me levou para a Rádio Clube (Am 720) de Dourados, onde passei a comandar um time com os melhores comunicadores (o qual chamávamos de “Equipe Boa de Bola”): Lourival Pereira, Fábio Dorta, Daniel Santos, Oswaldinho Duarte, Ipojucan Ferreira, Eusébio Martins, Roberto Sanabria, Roberto Miranda, Santiago Franco, Tata Cavalcanti, Soares Filho, Adão de Mattos, Toninho Carlos, Waldemar Gonçalves e Antônio Neres.

Na Rádio Clube, a “Equipe Boa de Bola” transmitiu uma infinidade de jogos: locais, estaduais, municipais e até mesmo nacionais. Uma grande memória que levo comigo é a do amistoso entre Brasil e Paraguai, em 27 de fevereiro de 1991, no Estádio Pedro Pedrossian.

Transmitimos o amistoso pela Rádio Clube e pudemos conhecer grandes nomes, como Galvão Bueno e Vanderlei Luxemburgo. Com um gol de pênalti de Charles, do Brasil, e outro gol de Jorge Guasch, do Paraguai, o amistoso rendeu um público de 50.000 pagantes e, apesar do empate, foi, certamente, um dia memorável.

Douradoor, Bacuri do Apa, Fazenda Boa Sorte

Trabalhando anos em jornal, passando por rádios, percebi que

os clientes procuravam muito por mídia Outdoor e que Dourados não tinha quem absorvesse essa demanda, então, iniciei meu negócio por meio de uma parceria; um tempo depois, passei a tocá-lo ao lado da minha esposa, companheira e amiga,

Glaciara Chucarro Machado.

E lá se vão 26 anos de empresa, período em que nos expandimos significativamente pelo Mato Grosso do Sul, alcançando cerca de trezentas placas de Outdoor espalhadas pela região.

Nessa toada de desenvolvimento, não só de Dourados, mas de todo o estado, uni meus investimentos ao campo, na verdade, sempre gostei de ficar perto do mato e dos rios. No início dos anos 2000, comprei uma propriedade rural no município de Caracol, onde construí e toquei por doze anos o Hotel Pesqueiro Bacuri do Apa, localizado na cidade de Bela Vista.

Uma década depois de me dedicar ao pesqueiro, colhi inúmeros frutos, prosperei e conheci minha atual esposa por lá. Foi então que decidi expandir um pouco mais, para de fato, entrar para o ramo da pecuária. Assim, em agosto de 2010, coloquei no negócio o pesqueiro, alguns imóveis que eu possuía em Dourados e comprei a Fazenda Boa Sorte, no distrito do Alto Caracol, a 90 km da cidade de Bonito, com 1442 hectares.

Na Fazenda Boa Sorte eu trabalho com vacas de cria e recria, uma modalidade muito atraente no mercado da pecuária, mas chegar ao alto padrão que conquistamos não foi fácil – é com muito orgulho que, atualmente, possuímos oitocentas vacas.

Ao longo de minha vida, tive outros relacionamentos, dos quais meus maiores frutos são meus filhos Valdir, Diego e Diana Machado.

Família, Fé e Futuro

Ao lado de Glaciara, fiz ótimas escolhas, tivemos nossa filha Júlia, que atualmente trilha seus passos no curso de Odontologia, nós

nos mantivemos fortes para crescer. Foi ao lado da minha companheira que conheci a fé evangélica neopentecostal; converti-me em uma congregação da Igreja Sara Nossa Terra e depois, há cerca de quinze anos, passei a congregar, junto com minha família, na Igreja Presbiteriana Independente de Dourados (IPID).

Para o futuro, espero que nossa Dourados seja tratada com a grandiosidade que merece, seja no esporte, seja na política e que, enfim, tenha um aeroporto digno, pois, até hoje, o que assistimos são mandatários brigando pela paternidade da obra. Desde os tempos de Brás Melo, não vemos um gestor municipal à altura da cidade cintilante.

Por fim, espero que o esporte conquiste o mesmo prestígio de outrora – o futebol amador é uma expressão autêntica do espírito esportivo e de comunidade.



Família



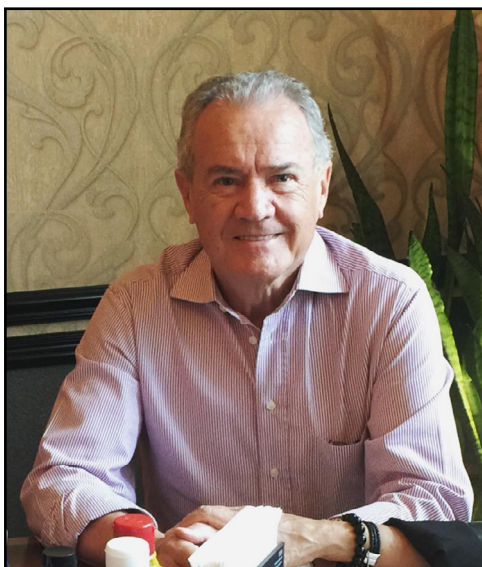
Valdir no início da carreira



Equipe boa de bola



Fazenda Boa Sorte



Waldir Guerra

“Minha História em Dourados”

Vim ao mundo em 16 de julho de 1935, no mesmo ano em que Dourados se emancipou do então Território Federal de Ponta Porã. No meu registo consta que nasci em Soledade, no Rio Grande do Sul mas, na verdade, meu nascimento se deu em uma porção mais ao noroeste de Soledade, onde hoje, geograficamente, está localizado o município de Nova Alvorada. Sou filho de Prosdócimo Guerra e Adele Fumagalli Guerra.

Atualmente, moro em Santa Catarina e, enquanto aproveito a vista do mar, deixo um pedaço aqui, de “Minha História em Dourados”. A iniciativa surge como uma oportunidade para revisitar memórias que desenham, sem dúvida, uma participação expressiva de minha família no crescimento de Dourados e do Brasil.

Conhecendo a trajetória dos Guerra, não há como não se entusiasmar com o espírito pioneiro na política e na economia. Nós nos estabelecemos no Rio Grande do Sul, passamos, de forma surpreendente, pelo Paraná, até deixarmos uma impressionante marca em Mato Grosso do Sul, consumando, com isso, um sem fim de legados pelo país.

Voltando um pouco no tempo, durante a primeira metade do

século XX, meu pai, Prosdócimo Guerra, demonstrou grande habilidade no comércio e na atividade agrícola do estado, sua visão ampla e suas viagens sempre foram rodeadas de grandes expectativas. Quando ele viajava, lembro-me de que seu retorno era sempre muito esperado, uma vez que, naquela época, as condições dos automóveis e das estradas exigiam dias para se chegar em destinos onde hoje podemos chegar em poucas horas.

Nova Alvorada do Sul localiza-se na região do planalto meridional do Rio Grande do Sul e, lá, o sobrenome “Guerra” se confunde com a história de construção do município. Meu pai implantou a primeira linha telefônica da região; foi o primeiro condutor habilitado do local e a única pessoa que possuía um caminhão, com o qual prestava serviços à comunidade.

Durante os primeiros anos da década de 1950, meu pai decidiu se mudar, com a família, do Rio Grande do Sul para o Paraná, onde os Guerra se notabilizaram como uma das primeiras famílias a investir no cultivo de soja e na comercialização de sementes.

Do Paraná a outubro de 1971

Fiquei no Rio Grande do Sul até meus vinte anos servi o exército, estudei contabilidade; e, como meus pais tinham se mudado para Pato Branco, no Paraná, era hora de eu ficar próximo de meus familiares no sudoeste paranaense, local onde prosperei e constituí minha própria família.

Em 27/05/1961, eu e dona Soeli nos casamos em Pato Branco; não demorou para que a família crescesse, daí, então, vieram ao mundo meus filhos Allan, Ivan e Luciana, todos eles patobranquenses.

Cabe lembrar que a instalação oficial da cidade de Pato Branco aconteceu em 14 de dezembro de 1952. Fizemos parte da organização política e administrativa conquistadas. Um trabalho próspero e que reflete o anseio de uma comunidade que, nos dias de hoje, possui um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano no

estado do Paraná e minha família teve uma boa participação nisso: lá fui vereador, meu irmão Ivanio foi Deputado Federal, minha irmã Marianita foi vereadora e Secretária Social. Outro irmão, Alceni, também foi Deputado Federal e por três mandatos; ele ainda foi Ministro da Saúde e prefeito de Pato Branco onde instalou o CEFET, Centro Federal de Educação Tecnológica que deu origem a mais de cem cursos superiores, públicos e privados, na cidade de Pato Branco.

Durante a chegada de minha família, em 1955, naquela região do Paraná, percebemos que o local experimentava fantástico desenvolvimento na agricultura, fruto da mecanização e do surgimento da cultura da soja. Em resumo, a abundância de oportunidades e a conveniência do solo renderam safras com bons lucros, estimulando o desejo de expansão para as lavouras.

Após quatro anos prosperando em Pato Branco, com apoio de amigos e da família, fui candidato a vereador. Foi ali que começou minha trajetória em cargos eletivos. Fui eleito para a 3ª Legislatura (1960-1964) da Câmara Municipal de Pato Branco, com 373 votos, pelo Partido Social Democrático (PSD).

Em 1964, não quis buscar a reeleição, porque, em 31 de março, consumou-se a deposição do presidente brasileiro, João Goulart, e sabíamos que os militares ficariam ali por muito tempo, isso gerou instabilidade política. Na época, eu achava que os militares ficariam por uns dez anos e acabaram ficando por vinte anos.

A minha decisão de não disputar a reeleição para vereador acabou me levando para outros objetivos; quando a vida nos direciona para caminhos diferentes, surge oportunidade para aprendermos, adaptarmo-nos e crescermos. Então, decidi me dedicar mais à expansão dos negócios da família, ao lado de meu irmão, Arno Guerra.

Em outubro de 1971, entusiasmados com a expansão da agricultura mecanizada, arrebatados pela coragem da juventude e pelo impulso aventureiro, próprio dos Guerra, eu e Arno viajamos para

o então Mato Grosso; nosso destino era vir para onde hoje fica o Mato Grosso do Sul. No início dos anos 70, eram poucas as possibilidades para se chegar até essa região, e o caminho escolhido por nós foi entrar pelo sul do estado, onde hoje fica o município de Mundo Novo.

O primeiro dia de viagem, dentro do Mato Grosso, foi gasto com a travessia em uma balsa no rio Paraná, somado a um esforço ímpar para desatolar, várias vezes, a caminhonete que nos levou até o nosso destino. Ao chegarmos na Vila de Iguatemi, eu e meu irmão provamos, pela primeira vez, o churrasco de carne gorda com mandioca, certamente, um dos maiores e talvez um dos melhores costumes sul-mato-grossenses.

A primeira parada foi em Amambai, que em 1971, já era uma bela cidade, com lavouras de porte médio, mecanizadas; e, nessas bandas, onde se viam máquinas trabalhando também se viam gaúchos e paranaenses, plantadores de soja, com quem era possível alcançar algumas boas informações.

Eu e meu irmão não encontramos quaisquer dificuldades para nos enturmarmos com o povo daqui. Logo no dia seguinte à nossa chegada, muito cedo, participamos de uma tradicional roda de chimarrão, da qual saímos, horas depois, caminhando ao lado de produtores da região, para visitar as terras lavradas.

As informações que recebemos eram de terra próspera, o que nos deixou ainda mais curiosos; então, saímos de Amambai rumo a Ponta Porã, onde avistamos um sem fim de famílias chegando, gente que colocou tudo que tinha, enlaçou e foi morar na fronteira. O novo destino era Maracaju; no trajeto, ao avistarmos imensa plantação recente de arroz¹, um peão, que passava por ali, informou-nos que aquela lavoura pertencia à propriedade de um gaú-

¹ É bom que se diga que, para se fazer uma lavoura nova, sempre se começa com um primeiro plantio de arroz, até mesmo com o segundo, se houver muitas raízes de guavira – aquele arbusto que produz uma das frutas mais gostosas que já provei –, por ser a planta de arroz mais rústica e de colheita mecanizada mais fácil. Depois aplica-se calcário, e iniciam-se os plantios de soja.

cho, chamado Erwin Eberhard.

Alguns quilômetros depois, avistamos outra lavoura nova de arroz, em uma propriedade que, segundo informação, era de “gaúchos de Pato Branco”; a fofoca, mesmo que não autêntica, pois Pato Branco fica no Paraná, encorajou-nos a dar meia volta e entrar na Fazenda Restinga, arrendada por amigo nosso, o Rossoni. A beleza dos campos de Maracaju era tamanha, ao ponto de fazer com que eu e Arno ficássemos instigados a arrendar uma área de mil hectares, próxima à Sete Voltas, em Maracaju.

Com um contrato de arrendamento, eu e meu irmão fomos para Dourados, cidade que vivia verdadeira explosão de desenvolvimento; ao chegarmos, a expectativa foi superada pelo deslumbramento visual, intelectual e produtivo, pois ficamos surpresos em conhecer uma cidade que possuía muitas madeireiras, produção de algodão, comércio de café e, o mais surpreendente, uma cidade com duas faculdades instaladas.

Assim, quando recebemos informações de que uma área de terras, próprias para lavoura mecanizada, localizada bem próxima ao aeroporto de Dourados, estava à venda, nem sequer paramos para pensar melhor, a decisão foi muito rápida e, três dias depois, já tínhamos a posse do imóvel. O impulso para a compra da terra, onde hoje fica a Sementes Guerra, foi influenciado pela proximidade com o campo de aviação do aeroporto de Dourados, até porque sou piloto de aviões. Inclusive, uma de minhas maiores lamentações em Dourados é saber que, até a data de confecção deste livro, Dourados ainda não possui um aeroporto pujante; na verdade, Dourados parece, por hora, tolhida de ver o espaço aéreo ajudar em sua prosperidade.

Secretário de Estado e Deputado Federal

Voltando em direção ao desfecho da história, em 1982 fui morar em Dourados, pouco tempo depois fiz parte das articulações entre

os produtores de sementes, dialogando com a política e a economia do agronegócio.

Em cinco anos, conquistei o cargo de Secretário de Indústria e Comércio do Estado de Mato Grosso do Sul, durante o governo de Marcelo Miranda (1987-1990), no qual fiz parte da implementação da industrialização do estado e, conseqüentemente, da de Dourados. Em 1991, fui eleito deputado federal, feito também alcançado por meus irmãos, Alcení Guerra e Ivânio Guerra, que foram deputados federais pelo Paraná. Atualmente, meus sobrinhos Luiz Fernando Guerra, é deputado estadual no PR, e Ricardo Guerra é suplente do senador Sergio Moro.

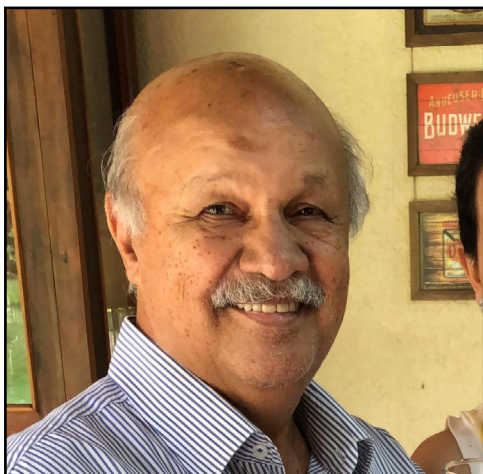
Os 88 anos de história de Dourados se confundem também com os meus 88 anos. Minhas realizações e as de minha família não beneficiaram apenas a nós mesmos, mas lançaram luz no caminho de dezenas de douradenses. Creio que meu legado é o tecido de coragem para transformar sociedades e alterar o curso da história.

Waldir e Dona Soeli



Waldir e esposa em seu apartamento em Balneário Camburiú-SC





WALTER CARNEIRO

“Dourados, minha família e a nossa história”

Nasci em Cuiabá (MT), em 14 de fevereiro de 1942. Sou casado com Elizete Vieira Carneiro. Temos quatro filhos, todos douradenses: Walter Junior, Grasielle, João Alfredo e Kassilene. Até agora, novembro de 2023, são oito netos: Eduardo, Pedro, João Antonio, Sofia, Maria, Manoela, Guilherme e a Rafaela, que está chegando.

Elizete é de famílias tradicionais, Vieira e Matos. Neta do saudoso Coronel Firmino Viera de Matos. Sou de família cristã. Meu pai, o alfaiate João Benedito Carneiro, e minha mãe, a costureira Lídia Pereira Carneiro, tiveram 13 filhos – cinco homens (eu, Wilson, João, Ivo e Benedito) e oito mulheres (Aidil, Adail, Arenil, Atail, Ail, Adil, Adenil e Azenil). Todos os nomes dos filhos têm Benedito.

Unidos, compartilhamos fatos marcantes. Hoje, a ausência de alguns faz muita falta, mas vivem na memória. Dos pais, tivemos amor e incentivos para estudarmos, trabalharmos, sermos honrados e amarmos o próximo.

Até o 2º grau estudei em escolas cuiabanas. Comecei a trabalhar aos dezesseis anos, balconista de farmácia. Em 1962 fui para o Rio

de Janeiro lutar por meus sonhos. Trabalhava na Mesbla e estudava à noite na Universidade Federal Fluminense, de Niterói, até me formar médico veterinário. Presidi o Diretório Acadêmico Vital Brasil Filho nos anos turbulentos do Movimento Militar de 1964. Em Barretos (SP) e no Rio de Janeiro, estagiei no Frigorífico Anglo, num entreposto de pesca, dando assistência a pequenos animais.

Em 1968 voltei a Mato Grosso, indo para Dourados, onde já vivia meu irmão mais velho, Wilson Benedito. Visionário, empreendedor, ele iniciou a mudança da família para Dourados. Era chamado de Nhô Nhô, fez carreira na Exatoria Estadual. Criador de gado Gir, destacou-se nas feiras agropecuárias. Trouxe a concessionária da Volkswagen, instalou a revenda da Antarctica, foi cofundador da Associação Comercial, membro e presidente do Sindicato Rural.

Depois vieram outros irmãos. O comerciante João Benedito, servidor fazendário, e os gêmeos Ivo (Casa Moderna) e Benedito, escrivão de polícia. Em 1969, já servidor da Secretaria de Agricultura, ao notar a expansão da pecuária, fui para Uberaba (MG). Lá fiquei um ano; voltei como juiz técnico de gado zebuino de origem indiana e passei a chefiar o escritório da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ).

Entre 1969-70 fiz registros de melhoria genética do gado zebu na região. Registrei, entre outras criações, quinhentas fêmeas da Fazenda Santa Alaíde, de Duarte Assunção. Do saudoso governador Pedro Pedrossian, apartei quarenta fêmeas, as primeiras do plantel 4P. Com meus conhecimentos, impedi, em Laguna Caarapã, um surto de raiva bovina transmitida por morcego. Com o cérebro de um animal, acionamos o Instituto Vital Brasil/RJ e a epidemia foi contida. Enraizados na cidade, eu e Vilmar, casado com minha irmã Azenil, abrimos a Casa do Fazendeiro na Marcelino Pires. Por mais de dez anos de trabalho, atendemos e fomos referência aos criadores.

Fui diretor e presidente do Ubiratan Esporte Clube, o Leão da Fronteira, no início dos anos 1970, fazendo as quadras de futsal e a

revitalização da piscina. A profissionalização do futebol se iniciava, com jogos disputados sem patrocínio. Os dirigentes faziam campanhas para manter o time. O Leão, orgulho do douradense, tem nomes históricos, um deles, meu cunhado Walter Brandão, que era casado com minha irmã Arenil. Foi roupeiro, técnico e presidente do clube. São também muito conhecidos: o “Mandioca”, vereador, autor da lei que criou a Bandeira e o Brasão do município; o técnico Merce e craques, como Mão-de-Onça, Pitu, Manteiga, Bidu, Eusébio, Gaúcho, Coutinho, Careca, Marciano, Varela, Teotônio e Sabará.

Com nove amigos “forasteiros” – diplomados recém-chegados –, formamos o CIBOL (Clube de Integração Bolinha-Luluzinha). Éramos eu, Zé Elias Moreira, Cláudio Iguma, Geraldo Melo, Milton de Paula, Paulo Mori, Luiz Nogueira, Odon de Oliveira, Djalma Bianchi e Agrecir. Com o prefeito Luiz Antonio, Arildo Perrupato e Luiz Parafuso, fundamos o templo da Loja Maçônica Cinquentenário Nº 46, da Grande Loja do Brasil, alusivo aos 50 anos de Dourados.

Eu e o Alphonsus, casado com minha irmã Adail, trocávamos ideias e as realizávamos. Ele lançou o primeiro transporte coletivo de Dourados a Itaporã; criou a Viação Brasília e fez o Hotel Alphonsus. Nessa dinâmica veio o chamado político. Filiei-me na Arena e fui seu presidente. Candidatei-me a vereador e me elegi em 1972.

No primeiro mandato, liderei a oposição ao prefeito Totó Câmara. Reeleito em 1976, fui líder da bancada de apoio ao prefeito Zé Elias, casado com minha irmã Adenil. Engenheiro agrônomo e grande gestor, foi deputado federal constituinte e empreendedor, dando a Dourados a Rádio e TV Caiuás. Fundamos a Associação de Vereadores da Grande Dourados (Avegrande), que defendeu a criação e o nome do novo estado – Mato Grosso do Sul.

Em 1978, fui eleito deputado estadual constituinte. Instalamos o estado, escrevendo sua primeira Constituição. Cumpri todos os meus compromissos com Dourados e região em três mandatos

(1979-1991). Construí excelentes amizades, uma delas com o Lademar, esposo da minha irmã Adir. Simples, trabalhador, parceiro de viagens, forjou sua vida na Cabeceira Alegre. Na avenida Weimar Torres, todos conheciam o Ferro Velho Ouro Verde.

Para realizar o sonho do município de ter sua própria escola de ensino superior, tomei uma decisão inusitada. No dia de votação final relativa ao texto da primeira Constituição, escrevi com caneta esferográfica e apresentei esta emenda constitucional: “Fica criada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados”. Nascia a UEMS, terceira universidade criada por Pedro Pedrossian, promulgada em 13/06/1979, e reiterada na revisão constitucional de 1989 (artigo 48 das Disposições Gerais e Transitórias). Com a Lei 533/1985, autorizamos a instalação, e, com a Lei 1461/1993, o Executivo foi liberado para instituí-la.

O municipalismo é marca pessoal. Eleito presidente da Assembleia Legislativa (Alems), sou, por enquanto, o único douradense que exerceu este cargo. Na presidência prestigiei os municípios, homenageando-os regularmente. Em 1984 promulguei a Lei 440 (Pró-Indústria, em vigor até hoje). Criei ainda os municípios de Douradina e Juti e vários distritos.

Nos anos 1990, já fora da política, fui diretor-geral da Alems e pude me dedicar mais à família, levando adiante a crença devocional em São Benedito de Cuiabá. Há mais de 25 anos realizamos a Festa de São Benedito e de São João, na estância, em Dourados, que leva o nome do santo protetor (São Benedito de Cuiabá).

A vida me homenageou com a fé cristã e com os princípios elevados de honradez e humildade para ser sempre um aprendiz e praticante do bem. Devo isso ao Deus Supremo e ao glorioso São Benedito. Reconheço, em todas as lutas, a presença vitoriosa e inspiradora da família, no carinho e companheirismo da amada Elizete, dos filhos e netos, dos irmãos, irmãs e demais parentes.

Quando me perco, tenho na família a luz que me ilumina os caminhos, que me clareia a vista e me faz entender que posso me-

lhorar como ser humano em cada estação da jornada. E não poderia deixar de prestar meu tributo, com gratidão e apreço, ao sustentáculo que é esta terra maravilhosa e abençoada, a Dourados, que me acolheu em seu coração e me prestigiou com a confiança de seu povo.

Casamento de Walter Carneiro e Elizete em 1974



Walter Carneiro e Elizete com os pais da noiva



Walter, Elizete e os quatro filhos ainda pequeninos

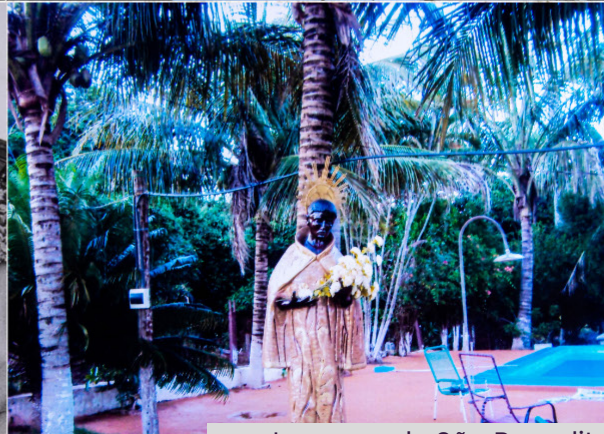


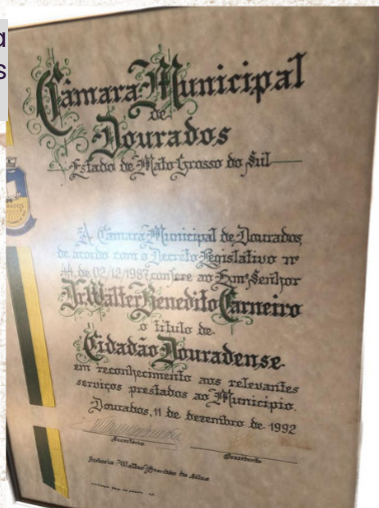
Imagem de São Benedito de Cuiabá, na entrada da chácara com o nome do Santo, em Dourados

Walter Carneiro, na Maçonaria



Em 1983, Walter Carneiro era presidente da Assembleia e deu posse ao governador Wilson Martins

O título de Cidadania Douradense, um dos meus orgulhos



Walter Carneiro com o jornalista Edson Moraes, autor de sua biografia

Nossos personagens

Este livro somente pode vir à luz mediante a boa vontade e memória das pessoas que, de forma muito gentil, concordaram em gastar horas de seu tempo para nos contar saborosas histórias de uma Dourados de outrora, tão promissora e, agora, saudosa por tudo aquilo que propiciou a essas personalidades.

Portanto, nossa profunda gratidão a:

Adiles do Amaral Torres (jornalista e advogada); **Antonio Fuziy** (empresário); **Claudio Takeshi Iguma** (empresário); **Fernando Recalde Baraúna** (advogado); **Geraldo Resende** (médico e deputado federal); **Idenor Machado** (professor, empresário e ex-vereador); **Jandira Gorete** (empresária); **Joaquim Soares** (empresário e ex-vereador); **Jorge Salomão** (*in memoriam*: radialista e ex-prefeito); **Laudir Munaretto** (empresário e vereador); **Lurdinha de Mattos** (empresária); **Nelio Shigueru Kurimori** (médico); **Odecio Cuenca** (*in memoriam*: empresário); **Roberto Razuk** (empresário e ex-deputado estadual); **Valdemir de Souza Messias, “Pineca”** (empresário); **Valdir Machado** (empresário); **Waldir Guerra** (empresário e ex-deputado federal) e **Walter Carneiro** (ex-deputado estadual).

Realização



2mil
Publicidade
Marketing & Comunicação

folha de dourados

DESDE 1968